



Programa aprovado pelo Conselho Superior de Ensino e Pesquisa da UFPA – Resolução 2545/98. Reconhecido nos termos das Portarias Nº. 84 de 22.12.94 da Presidente da Fundação Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - CAPES e No. 694 de 13.06.95 do Ministério da Educação e do Desporto. Doutorado autorizado em 1999.

VIOLÊNCIA POR PARCEIRO ÍNTIMO E APEGO EM HOMENS AUTORES DE AGRESSÃO CONTRA A MULHER

LAURA GEMAQUE SILVEIRA

**BELÉM - PARÁ
2024**



Programa aprovado pelo Conselho Superior de Ensino e Pesquisa da UFPA – Resolução 2545/98. Reconhecido nos termos das Portarias Nº. 84 de 22.12.94 da Presidente da Fundação Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - CAPES e No. 694 de 13.06.95 do Ministério da Educação e do Desporto. Doutorado autorizado em 1999.

VIOLÊNCIA POR PARCEIRO ÍNTIMO E APEGO EM HOMENS AUTORES DE AGRESSÃO CONTRA A MULHER

LAURA GEMAQUE SILVEIRA

Dissertação de Mestrado apresentado ao Programa de Pós-Graduação em Teoria e Pesquisa do Comportamento como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Teoria e Pesquisa do Comportamento.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Daniela Castro dos Reis

Coorientadora: Prof.^a Dr.^a Rachel Coelho Ripardo Teixeira

**BELÉM - PARÁ
2024**

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
UFPA/Núcleo de Teoria e Pesquisa do Comportamento/Biblioteca

S587v Silveira, Laura Gemaque, 1998-
 Violência por parceiro íntimo e apego em homens autores de
 agressão contra a mulher / Laura Gemaque Silveira .— 2024.
 67 f.: il.

Orientadora: Daniela Castro dos Reis
Coorientadora: Rachel Coelho Ripardo|Teixeira

Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal do Pará, Núcleo
de Teoria e Pesquisa do Comportamento, Programa de Pós-
Graduação em Teoria e Pesquisa do Comportamento, Belém, 2024.

1. Análise do comportamento. 2. Desenvolvimento humano. 3.
Maus-tratos conjugais. 4. Violência por parceiro íntimo. 5. Autores
de violência. 6. Apego adulto. I. Título.

CDD - 23. ed. — 362.83

Catalogação na fonte: Maria Célia Santana da Silva — CRB-2/780



O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001.

This study was financed in part by the Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Finance Code 001.

Laura Gemaque Silveira, Programa de Pós-Graduação em Teoria e Pesquisa do Comportamento, Universidade Federal do Pará, Belém-PA, Brasil.

Contato: Laura Gemaque Silveira

E-mail: laurassilveira@outlook.com



DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

VIOLÊNCIA POR PARCEIRO ÍNTIMO E APEGO EM HOMENS AUTORES DE AGRESSÃO CONTRA A MULHER

Aluna: Laura Gemaque Silveira

Data da defesa: 13/05/2024

Resultado: Aprovada

Banca examinadora:

Prof.^a Dr.^a Daniela Castro dos Reis (orientadora - UFPA)

Prof.^a Dr.^a Rachel Coelho Ripardo Teixeira (coorientadora - UFPA)

Prof.^a Dr.^a Lília Ieda Chaves Cavalcante (membro 1 - UFPA)

Prof.^a Dr.^a Silvia Renata Magalhães Lordello Borba Santos (membro 2 - UnB)



Termo de Autorização e Declaração de Distribuição não exclusiva para Publicação Digital no Repositório Institucional da UFPA

IDENTIFICAÇÃO DO AUTOR E DA OBRA

Autor*: Laura Gemaque Silveira
Vínculo com a UFPA: () Servidor; (X) Discente Unidade: Núcleo de Teoria e Pesquisa do Comportamento
Sub Unidade: Programa de Pós-Graduação em Teoria e Pesquisa do Comportamento
Tipo do documento: () Tese; (X) Dissertação; () Livro; () Capítulo de Livro; () Artigo de Periódico; () Trabalho de Evento; () Outro. Especifique:
Título do Trabalho: Violência por parceiro íntimo e apego em homens autores de agressão contra a mulher
Data da Defesa: 13/05/2024 Área do Conhecimento: Desenvolvimento Humano
Agência de Fomento: Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES)
*Para cada autor, uma autorização preenchida e assinada.

DECLARAÇÃO DE DISTRIBUIÇÃO NÃO EXCLUSIVA

O referido autor:

- Declara que o documento entregue é seu trabalho original, e que detém o direito de conceder os direitos contidos nesta licença. Declara também que a entrega do documento não infringe, tanto quanto lhe é possível saber, os direitos de qualquer outra pessoa ou entidade.
- Se o documento entregue contém material do qual não detém os direitos de autor, declara que obteve autorização do detentor dos direitos de autor para conceder à Universidade Federal do Pará os direitos requeridos por esta licença, e que esse material cujos direitos são de terceiros, está claramente identificado e reconhecido no texto ou conteúdo entregue.

Se o documento entregue é baseado em trabalho financiado ou apoiado por outra instituição que não a Universidade Federal do Pará, declara que cumpriu quaisquer obrigações exigidas pelo respectivo contrato ou acordo.

TERMO DE AUTORIZAÇÃO

Na qualidade de titular dos direitos de autor da publicação, autorizo a UFPA a disponibilizar de acordo com a licença pública *Creative Commons* Licença 3.0 *Unported*, e de acordo com a Lei nº 9610/98, o texto integral da obra citada, conforme permissões abaixo por mim assinaladas, para fins de leitura, impressão e/ou *download*, a partir desta data.

Permitir o uso comercial da obra?

(X) Sim

() Não

Permitir modificações em sua obra?

(X) Sim, contanto que compartilhem pela mesma licença

() Não

O documento está sujeito ao registro de patente?

() Sim

(X) Não

A obra continua protegida conforme a Lei Direito Autoral.

Belém(PA), 10/06/2024

Assinatura do Autor e/ou Detentor dos Direitos do Autor

Documento assinado digitalmente
LAURA GEMAQUE SILVEIRA
Data: 25/06/2024 15:22:08 -0300
Verifique em: <https://validar.br.gov.br>

Silveira, L. G. (2024). *Violência por parceiro íntimo e apego em homens autores de agressão contra a mulher*. Dissertação de Mestrado, Programa de Pós-Graduação em Teoria e Pesquisa do Comportamento. Universidade Federal do Pará, Belém-PA, Brasil, 67p.

RESUMO

A literatura internacional aponta para a existência de correlação positiva entre ansiedade e evitação relacionada ao apego na vida adulta e a ocorrência de violência por parceiro íntimo. No Brasil, há poucos dados a respeito desse fenômeno, sobretudo no que tange aos autores de violência e suas características psicológicas. O objetivo desta pesquisa foi correlacionar as dimensões do apego e a ocorrência de violência física e psicológica por parceiro íntimo em homens de um grupo reflexivo para autores de violência doméstica (Grupo 1) e homens da população geral (Grupo 2), e comparar os grupos quanto às dimensões do apego e a ocorrência de violência. O estudo foi transversal, descritivo e quantitativo, com amostras independentes. Participaram 80 homens, 40 de cada grupo. Os contextos de realização da pesquisa foram o Núcleo de Prevenção e Enfrentamento à Violência de Gênero (NUGEN) da Defensoria Pública do Estado do Pará e uma unidade da Usina da Paz, projeto governamental de assistência, serviços de saúde e profissionalização voltados à comunidade. Foram utilizados o Formulário de Caracterização Biopsicossocial de Autores de Violência, a *Revised Conflict Tactic Scales* - CTS 2 em português e a *Experience in Close Relationships Scale* – Reduzida (ECR-R-Brasil). A análise dos dados se deu por meio dos testes rho de Spearman e U de Mann-Whitney. Foram encontradas correlações positivas e significativas, em ambos os grupos, entre as violências física e psicológica, e entre violência perpetrada e sofrida, indicando o entrelaçamento de distintas formas de violência e a bidirecionalidade das agressões. Ao contrário do esperado conforme a literatura, não foram obtidas correlações significativas entre as dimensões do apego e a violência no Grupo 1, mas sim no Grupo 2. Neste último, a dimensão ansiedade esteve correlacionada positivamente à violência física perpetrada e sofrida, e à violência psicológica sofrida. Após comparar os dois grupos por meio do teste U de Mann-Whitney, os participantes do Grupo 1 apresentaram pontuações significativamente maiores para ambas as dimensões do apego e para a violência física perpetrada e sofrida, mas não para a violência psicológica. Estes resultados corroboram parcialmente os achados de pesquisas anteriores, quanto à relação entre apego inseguro e violência verificada em um dos grupos, e à maior ocorrência de apego inseguro e violência física entre autores de violência convictos quando comparados a grupos controle. A ausência de correlações significativas entre apego e violência no Grupo 1 pode ser explicada por questões metodológicas e/ou outras variáveis influentes não contempladas por esse estudo. Ademais, a ausência de diferenças entre os grupos quanto à ocorrência de violência psicológica pode ser um alerta para a invisibilidade dessa forma de agressão, a qual não recebe a mesma atenção e volume de denúncias que a violência física. Tais achados requerem maior suporte de investigações futuras, envolvendo ambos os parceiros e as suas características psicológicas, de forma a compreender mais profundamente as dinâmicas que estabelecem e mantêm a ocorrência da violência por parceiro íntimo.

Palavras-chave: violência por parceiro íntimo; autores de violência; apego adulto; dimensões do apego.

Silveira, L. G. (2024). *Intimate partner violence and attachment in male perpetrators of violence against women*. Master's Dissertation, Postgraduate Program of Behavior Theory and Research. Federal University of Pará, Belém-PA, 67p.

ABSTRACT

International literature points to the existence of positive correlations between attachment anxiety and attachment avoidance in adulthood and the occurrence of intimate partner violence. In Brazil, there is little data regarding this phenomenon, especially when it comes to violence perpetrators and their psychological characteristics. The objective of this research was to correlate the attachment dimensions and the occurrence of physical and psychological violence by an intimate partner in men from a reflective group for domestic violence perpetrators (Group 1) and men from the general population (Group 2), and to compare the groups regarding the attachment dimensions and the occurrence of violence. A cross-sectional, descriptive and quantitative study was carried out, with independent samples. 80 men participated, 40 from each group. The contexts of research were the Center for Prevention and Combating Gender Violence (NUGEN) of the Public Defender's Office of the State of Pará and a unit of Usina da Paz, a government project that provides assistance, health and professionalization services to the community. The instruments used were the Biopsychosocial Characterization Form of Violence Perpetrators, the Revised Conflict Tactic Scales - CTS 2 and the Experience in Close Relationships Scale - Reduced (ECR-R-Brazil). Data analysis was performed using Spearman's rho and Mann-Whitney U tests. Positive and significant correlations were found, in both groups, between physical and psychological violence, and between violence perpetration and victimization, indicating the intertwining of different forms of violence and the bidirectionality of aggressions. Contrary to expectations regarding previous literature, no significant correlations were obtained between the attachment dimensions and violence in Group 1, but rather in Group 2. In the latter, the anxiety dimension was positively correlated with physical violence perpetration and victimization, and with psychological violence victimization. After comparing the two groups using the Mann-Whitney U test, participants in Group 1 showed significantly higher scores for both attachment dimensions and for perpetrated and suffered physical violence, but not for psychological violence. These results partially corroborate the findings of previous research, regarding the relationship between insecure attachment and violence observed in one of the groups, and the greater occurrence of insecure attachment and physical violence among convicted violence perpetrators when compared to control groups. The absence of significant correlations between attachment and violence in Group 1 may be explained by methodological issues and/or other influential variables not covered by this study. Also, the absence of differences between groups regarding psychological violence may be an alert to the invisibility of this form of aggression, which does not receive the same attention and volume of reports as physical violence. Such findings require greater support from future investigations, involving both partners and their psychological characteristics, to better understand the dynamics involved in intimate partner violence occurrence and maintaining.

Keywords: intimate partner violence; violence perpetrators; adult attachment; attachment dimensions.

AGRADECIMENTOS

À minha orientadora Daniela Castro pela confiança, incentivo e suporte imensos. Obrigada por se disponibilizar a me ensinar tanto e, ao mesmo tempo, me ouvir e acolher sempre que necessário, além de todas as caronas! Sem a sua coragem para me ajudar a desbravar um tema tão desafiador, nada disso seria possível.

À minha coorientadora Rachel Ripardo pela parceria que começou no TCC, despertando meu interesse pela área da pesquisa e fazendo eu me apaixonar pela Teoria do Apego. Muito obrigada pelas importantes contribuições a essa Dissertação e por ter me ajudado a encontrar meu caminho na Psicologia.

À professora Lília Cavalcante, que também esteve comigo no TCC e me apresentou o GEAV, abrindo o caminho para que este trabalho fosse realizado. Você é uma grande referência de docente e ser humano para mim.

À psicóloga Rosana Lemos e ao Núcleo de Prevenção e Enfrentamento à Violência de Gênero da Defensoria Pública do Estado do Pará, por terem aberto as portas para a realização desta pesquisa.

À minha amiga Daniela, tão maravilhosa que ajudou a própria concorrente (eu) a estudar para a nossa seleção de mestrado, e no final passamos juntas! Te amo, te admiro e te agradeço demais por ter estado comigo desde o início. Tenho certeza de que essa união ainda vai nos levar bem longe.

Às minhas amigas Ellan e Tayná, companheiras de pesquisa, desabafos, conselhos e fofocas na sala da orientadora, sempre me dando forças matinais para continuar.

Ao GEAV, grupo de pesquisa do qual sinto muito orgulho de fazer parte, e a todas as mulheres que o integram. Vocês fizeram dessa pós-graduação um lar. Obrigada

a todas pelas trocas acadêmicas, pela disposição em ajudar e por todos os momentos alegres compartilhados (alguns não tão alegres, como a nossa estadia no terreno baldio).

Às filhas de Laura, minhas queridas e dedicadas voluntárias de pesquisa. Vocês são incríveis, obrigada por me deixarem espalhar a semente da Teoria do Apego.

E aos meus pais, sempre me incentivando no meu percurso acadêmico e profissional. Amo vocês.

SUMÁRIO

Apresentação	11
Violência por parceiro íntimo	14
Teoria do Apego	18
Apego e violência por parceiro íntimo	22
Método	26
Delineamento	26
Participantes	26
Contexto	29
Considerações éticas	30
Instrumentos	30
Procedimentos de coleta de dados	31
Procedimentos de análise de dados	34
Resultados e discussão.....	35
Considerações Finais	47
Referências	55
Anexo A - Formulário de Caracterização Biopsicossocial de Autores de Violência Doméstica	62
Anexo B - Versão-síntese da <i>Conflict Tactics Scales 2</i> em português	65
Anexo C – Versão brasileira da <i>Experience in Close Relationships</i> – Reduzida (ECR-R-Brasil)	67

Apresentação

A violência por parceiro íntimo é um problema de saúde pública mundial que atinge pessoas de todas as etnias, orientações sexuais e estratos sociais, e pode se manifestar de formas variadas, desde comportamentos que visam controlar e restringir a autonomia do(a) parceiro(a) até à violência letal. Nessa conjuntura, a literatura da área assegura que tanto homens quanto mulheres podem ser perpetradores dessa forma de abuso nas relações íntimas, porém as mulheres, por fatores biológicos e culturais, tendem a sofrer danos mais graves. Esse cenário é particularmente preocupante no Brasil, apontado pela Organização Mundial da Saúde (OMS) como o quinto país do mundo com o maior número de ocorrência de feminicídios.

Em vista dessa realidade, pesquisas e políticas públicas voltam-se para a investigação e proteção das vítimas e punição dos autores de violência. Entretanto, muito do que se sabe sobre a violência por parceiro íntimo ainda gira em torno da mulher vítima de violência, havendo muito a ser compreendido acerca dos autores e das suas características psicológicas. Nessa lógica, entre os muitos fatores que podem estar associados à perpetração de atos violentos no relacionamento, destaca-se o estilo de apego, o qual constitui parte importante da vida do indivíduo desde a infância até à velhice, e pode ser avaliado por meio de duas dimensões: ansiedade e evitação relacionada ao apego.

Diante disso, esta pesquisa teve como objetivos correlacionar as dimensões do apego à ocorrência (perpetração e vitimização) de violência física e psicológica por parceiro íntimo, e as formas de violência entre si, em dois grupos de participantes:

homens de um grupo reflexivo para autores violência doméstica (Grupo 1) e homens da população geral (Grupo 2). Além disso, ambos os grupos foram comparados em relação às suas dimensões do apego e à perpetração e vitimização por violência.

Esta dissertação de mestrado configura-se como a continuidade de um interesse de pesquisa iniciado no Trabalho de Conclusão de Curso da autora, intitulado “Apego adulto de mulheres e violência física perpetrada por parceiro íntimo em Belém-PA”, orientado pela prof.^a dr.^a Rachel Coelho Ripardo Teixeira e coorientado pela prof.^a dr.^a Lília Ieda Chaves Cavalcante. O que teve início com um olhar para as mulheres vítimas de violência por parceiro íntimo expandiu-se, na trajetória do mestrado, ao focalizar os homens autores da violência, englobando não somente a violência física, mas também a violência psicológica.

É importantíssimo frisar que a presente dissertação surge no seio do Grupo de Estudos de Autores de Violência (GEAV), anteriormente EASCA (Estudos do Agressor Sexual de Criança e Adolescente), pertencente ao Laboratório de Ecologia do Desenvolvimento (LED), do Programa de Pós-Graduação em Teoria e Pesquisa do Comportamento (PPGTPC) da Universidade Federal do Pará (UFPA). O referido grupo de pesquisa formou-se a partir do projeto de tese de doutorado de Daniela Castro dos Reis, intitulado “Autores de Agressão Sexual de Crianças e Adolescentes: Características Biopsicossociais e Trajetórias de Vida”, iniciado em 2013 e finalizado em 2016, o qual recebeu a Menção Honrosa do Prêmio Capes (Coordenação de aperfeiçoamento de pessoal de nível superior) de Tese 2016, na área de Psicologia.

Desde o seu surgimento, o GEAV possibilitou o desenvolvimento de planos de trabalho de iniciação científica, dissertações de mestrado e teses de doutorado, atraindo crescente interesse de estudantes da graduação e pós-graduação, os quais têm contribuído para a construção de um polo de referência nacional nos estudos de autores

de agressão sexual contra a criança e o adolescente. Voltado, até então, ao tema da violência sexual, o GEAV incorpora, a partir desta dissertação, um novo segmento de investigações direcionadas a estudar os autores de violência doméstica e familiar contra a mulher.

Diante do exposto, entende-se que, ao lidar com problemáticas sistêmicas e multideterminadas como a violência por parceiro íntimo, a pesquisa e a intervenção precisam incidir sobre ambos os indivíduos envolvidos, buscando não somente a proteção e os cuidados com a vítima, mas também a conscientização e ressocialização do autor de violência, combatendo a reincidência. Nesse sentido, destaca-se a importância de compreender as características biopsicossociais do autor de violência a fim de fomentar estratégias eficazes de atuação com essa população e redução dos números da violência por parceiro íntimo.

Violência por parceiro íntimo

De acordo com a *World Health Organization* (WHO, 2002), a violência por parceiro íntimo (VPI) é definida como qualquer comportamento no âmbito de um relacionamento íntimo que cause danos físicos, psicológicos ou sexuais ao parceiro, e é atualmente reconhecida como um problema de saúde pública em termos mundiais. Apesar de constituir-se em um fenômeno que atravessa diferentes culturas e estratos socioeconômicos, existem determinados grupos mais vulneráveis à vitimização por essa forma de violência, sobretudo aqueles que experimentam marginalização social, como minorias étnico/raciais, pessoas com deficiência e minorias de orientação sexual e gênero (Miller & McCaw, 2019).

Nesse sentido, destaca-se a desigualdade de gênero. Apesar das expressivas lutas dos movimentos feministas, principalmente a partir do século XX, o gênero feminino ainda é relegado a uma posição de desvantagem na hierarquia social. Isso se faz presente no âmbito laboral, ilustrado pela desigualdade salarial entre homens e mulheres e pela invisibilidade do trabalho doméstico enquanto uma atividade econômica (Fernandez, 2019); no âmbito político, com a sub-representatividade feminina e discriminação das mulheres eleitas (Sampaio et al., 2016); e, sobretudo, no âmbito privado, permeado por relações de poder assimétricas e investimento do homem como ser de autoridade (Moura et al., 2020). Tais relações de poder assimétricas encontram sua expressão máxima na violência contra as mulheres, perpetrada em meio às relações íntimas.

Dados da WHO (2012) mostram que, enquanto homens vivenciam um risco maior de morte por conflitos armados, suicídio e violência praticada por desconhecidos, as mulheres apresentam maior probabilidade de sofrer violência, inclusive letal, de

pessoas conhecidas, com destaque aos parceiros íntimos. Neste seguimento, uma publicação do Fórum Brasileiro de Segurança Pública (FBSP, 2023) mostrou que em 73,7% dos casos de agressão contra mulheres, o autor da violência é um conhecido da vítima, sendo este um parceiro ou ex-parceiro em 58% dos casos.

Nesse contexto, tem estado em voga uma discussão acerca dos papéis de homens e mulheres em dinâmicas violentas entre parceiros, havendo uma problematização acerca da visão segundo a qual mulheres ocupariam necessariamente o posto de vítimas e os homens, de autores de violência. Pesquisas apontam alta incidência de violência por parceiro íntimo cometida por mulheres, bem como números expressivos de violência bidirecional (Henderson et al., 2005; Machado et al., 2023; Sommer et al., 2016). Esta última é caracterizada pela coparticipação dos envolvidos, cenário em que ambos os parceiros iniciam e experienciam a violência no relacionamento (Machado et al., 2023; Ridings et al., 2021).

Dentro dessa discussão, uma revisão sistemática conduzida por Machado et al. (2023), com estudos de diferentes países e variados tipos de amostra, trouxe à tona a violência bidirecional como o padrão de violência mais prevalente independentemente da forma de violência, sexo dos participantes ou orientação sexual. Além disso, um estudo brasileiro de Razera et al. (2022) com 304 casais heterossexuais mostrou que mais de 70% da violência psicológica praticada pelos participantes se deu de forma bidirecional e, quando ocorrida de forma unidirecional, foi mais cometida por mulheres. Já as violências física e sexual, quando unidirecionais, foram mais perpetradas pelos homens.

Entretanto, é importante salientar que, ainda que homens e mulheres sejam ambos capazes de perpetrar violência no relacionamento, os efeitos da violência não são iguais, havendo uma discrepância entre os danos provocados por cada um. Segundo

pesquisas internacionais, as mulheres sofrem mais do que os homens no que se refere a lesões, medo do parceiro e estresse pós-traumático (Hamberger & Larsen, 2015; Sillito, 2012). As diferenças nas consequências da violência de acordo com o gênero se refletem nos alarmantes números de feminicídio e de mulheres remetidas a serviços de saúde em decorrência da violência.

Quanto às questões supracitadas, um levantamento recente do Fórum Brasileiro de Segurança Pública (2024) mostrou que, somente no ano de 2023, foram registrados 1.463 casos de feminicídio em território nacional, representando um crescimento de 1,6% em relação aos números do ano anterior. De acordo com os dados disponíveis a partir da sanção da Lei do Feminicídio (Lei nº 13.104, 2015), ao menos 10.655 mulheres foram vítimas do crime entre 2015 e 2023. Conforme a publicação, destaca-se que, por mais alarmantes que sejam estes números, ainda deve-se considerar a subnotificação dos casos, projetando um número real de feminicídios ainda maior.

Ainda nessa conjuntura, dados do último Mapa da Violência (Waiselfisz, 2015) mostram que, no ano de 2014, duas a cada três vítimas de violência atendidas pelo Sistema Único de Saúde (SUS) eram mulheres, totalizando 147.691 vítimas do gênero feminino. A violência física mostrou-se o tipo de agressão mais frequente, correspondendo a 48,7% dos atendimentos realizados a mulheres. Além disso, a publicação divulgou informações acerca dos autores e do contexto da violência praticada: os principais autores de violência contra mulheres adultas foram parceiros e ex-parceiros, e o local de ocorrência predominante foi a própria residência da vítima.

Percebe-se, portanto, que a violência por parceiro íntimo, frequentemente, manifesta-se de forma desproporcional contra a mulher, subjugando-a no âmbito das relações afetivas, contexto em que a vítima se encontra emocionalmente envolvida com o autor de violência e, muitas vezes, economicamente dependente deste (WHO, 2002).

Nesse sentido, esforços têm sido empreendidos no combate a esta violência, por meio do implemento de políticas públicas e dispositivos legais de amparo às mulheres e responsabilização dos autores de violência. Destacam-se a Lei Maria da Penha (Lei nº 11.340, 2006), a Lei do Feminicídio (Lei nº 13.104, 2015) e, recentemente, a Lei nº 14.188 (2021) que criou o tipo penal de violência psicológica contra a mulher.

Apesar dos avanços alcançados, ainda há muito a ser compreendido acerca das dinâmicas violentas entre parceiros, sobretudo no que tange aos autores de violência. Quanto a isso, uma revisão sistemática de Silva et al. (2014) sobre autores de violência contra a parceira íntima sinalizou que a maioria dos estudos se baseia em relatos e informações fornecidas pelas vítimas, havendo uma lacuna na literatura quanto à perspectiva dos autores das agressões.

Nesse sentido, é necessário direcionar o foco dos estudos a essa população, investigando aspectos psicológicos dos autores de violência que podem ser influentes no funcionamento das relações íntimas (Flynn & Graham, 2010). A partir dessa ótica, é possível compreender mais profundamente os fatores que contribuem para que determinados indivíduos perpetrem e sofram violência em seus relacionamentos íntimos, favorecendo a elaboração de intervenções para além da esfera judicial e da lógica punitiva do sistema carcerário brasileiro.

No que tange ao autor de violência por parceiro íntimo, a literatura tem apontado diversos fatores associados à perpetração da agressão, tais como crenças legitimadoras da violência, histórico de maus-tratos na infância, testemunhar violência entre os pais, níveis de raiva desadaptativos e uso de álcool (Moura et al., 2020). Além disso, essa população também tem sido investigada em relação aos seus traços de personalidade, psicopatologias e estilo de apego (e.g. Babcock et al., 2000; Petersson & Strand, 2020).

Diante disso, a literatura destaca o estilo de apego dos envolvidos na situação de violência como um fator relevante para a compreensão desse fenômeno, sendo este um construto associado a uma variedade de eventos nas relações entre adultos. Nesse sentido, diversas pesquisas apontam o apego inseguro como um fator de risco à perpetração e vitimização de violência por parceiro íntimo (González et al., 2016; Henderson et al., 2005; Pimentel & Santelices, 2017; Loubat et al., 2007; Polit & Proaño, 2021; Ponti & Tani, 2019; Sandberg et al., 2016; Spencer et al., 2021; Velotti et al., 2020).

Diante da diversidade de temas investigados na psicologia sobre as características dos autores de violência por parceiro íntimo, buscou-se aprofundar sobre o construto apego, haja vista a sua influência em diversos aspectos da vida humana desde a infância à velhice, principalmente nas relações íntimas entre adultos. Apesar de estudos internacionais terem se debruçado sobre essa temática, é necessário que mais pesquisas possam subsidiar o fazer técnico no Brasil como forma de atuar na prevenção e intervenção.

Teoria do Apego

O conceito de apego advém da Teoria do Apego, que o descreve como uma tendência inata da espécie humana para estabelecer vínculos afetivos fortes, estáveis e duradouros com indivíduos particulares identificados como mais aptos a lidar com o ambiente (Bowlby, 1969/1982, 1979/2001). Chamadas de figuras de apego, essas pessoas costumam ser os cuidadores primários durante a infância, e constituem para a criança em desenvolvimento uma fonte de conforto e segurança a quem recorrer em momentos de estresse e medo, assim como uma base segura que a permite explorar o ambiente (Bowlby, 1979/2001).

A partir da relação com os cuidadores, a criança constrói modelos de funcionamento interno que consistem em representações mentais de si e dos outros, e incluem componentes afetivos e cognitivos (Ainsworth, 1989; Bowlby, 1973). Tais representações se baseiam no quanto as figuras de apego são percebidas como disponíveis, responsivas e confiáveis, e no quanto o próprio indivíduo é percebido como merecedor de cuidado e afeto (Bartholomew, 1990; Bartholomew & Horowitz, 1991; Ainsworth et al., 1978/2014). Diante disso, o indivíduo desenvolve padrões ou estilos de apego que podem ser seguros ou inseguros.

Por meio do procedimento da Situação Estranha, Ainsworth et al. (1978/2014) identificaram três estilos de apego infantil: seguro, ansioso-ambivalente e evitativo. Crianças com estilo de apego seguro demonstram confiança no cuidado e proteção de sua figura de apego, utilizando-a como base segura, ao contrário daquelas com estilo de apego ansioso-ambivalente, as quais não confiam na disponibilidade da figura de apego e demonstram intensa ansiedade diante da separação. Por fim, crianças com estilo de apego evitativo demonstram indiferença à figura de apego e evitam a proximidade como mecanismo de defesa contra a rejeição (Ainsworth et al., 1978/2014).

Por intermédio dos modelos de funcionamento interno, os estilos de apego tendem à estabilidade e influenciam as relações futuras do indivíduo ao longo do ciclo vital, principalmente com parceiros íntimos na vida adulta. Diante disso, Hazan e Shaver (1987) formularam a proposição de que as relações românticas entre adultos constituem processos de apego, nos quais também se manifestam características dos estilos de apego infantil conceitualizados por Ainsworth et al. (1978). Nesse sentido, acredita-se que parceiros de longo prazo substituem os cuidadores como figuras de apego primárias e estabelecem relações nas quais ambos buscam mutuamente conforto e

segurança entre si, havendo uma integração dos sistemas de apego, cuidado parental e reprodução (Ainsworth, 1989; Hazan & Zeifman, 2016).

Após as proposições de Hazan e Shaver (1987), Bartholomew e Horowitz (1991) apresentaram um modelo bidimensional de apego adulto, o qual conta com dimensões do *self* e das outras pessoas, as quais podem ser positivas (visão de si próprio como merecedor de afeto e suporte, e de outras pessoas como confiáveis e disponíveis) ou negativas (visão de si como indigno de afeto e suporte, e dos outros indivíduos como indisponíveis e não confiáveis). Para Bartholomew e Horowitz (1991), a partir da interação dessas duas dimensões, quatro estilos de apego adulto podem ser derivados: seguro (ambas as dimensões são positivas), preocupado (dimensão positiva da outra pessoa e negativa do *self*), evitativo (dimensão positiva do *self* e negativa do outro indivíduo) e medroso (ambas as dimensões são negativas).

O estilo de apego seguro é caracterizado pela confiança em si e nos outros, habilidade para formar e manter vínculos profundos, capacidade de equilibrar a intimidade e a autonomia nas relações afetivas e de resolver conflitos de maneira construtiva. O estilo de apego preocupado define-se pelo excesso de envolvimento e dependência nas relações, medo acentuado do abandono e da rejeição, baixa autoestima e necessidade constante de validação externa. Por outro lado, pessoas com estilo de apego evitativo tendem à independência compulsiva e a menosprezar a importância da proximidade emocional nas relações, conservando uma imagem própria de autossuficiência e não vulnerabilidade (Bartholomew & Horowitz, 1991; Henderson et al., 2005).

Por fim, Bartholomew (1990) introduziu um quarto estilo de apego: o medroso, caracterizado pelo conflito entre a necessidade de proximidade e de distanciamento emocional, devido à visão negativa tanto de si mesmo quanto dos outros indivíduos.

Pessoas com esse estilo de apego desejam estabelecer relações próximas, mas as evitam como forma de defesa contra a rejeição. Apresentam baixa autoestima, medo de intimidade, ansiedade e dependência (Bartholomew, 1990; Bartholomew & Horowitz, 1991; Henderson et al., 2005).

Nesse contexto, os pesquisadores Brennan, Clark e Shaver (1998, citado por Feeney, 2016) analisaram os instrumentos de avaliação do apego adulto por autorrelato disponíveis à época, a fim de identificar os fatores cruciais para a investigação e classificação desse construto. Seus resultados levaram à conclusão de que o apego adulto poderia ser avaliado a partir de duas dimensões: ansiedade e evitação relacionada ao apego. A primeira diz respeito à grande necessidade de proximidade do parceiro e à preocupação com a continuidade do relacionamento, enquanto a segunda se refere ao desconforto com a proximidade e a dependência, e preferência por distanciamento emocional (Natividade & Shiramizu, 2015).

Níveis baixos em ambas as dimensões apontam para um estilo de apego seguro, ao passo que níveis elevados de ansiedade relacionada ao apego e baixos níveis de evitação indicam um estilo de apego preocupado/ansioso, e traços acentuados de evitação aliados a baixos níveis de ansiedade caracterizam o estilo de apego evitativo. Por fim, é possível que um indivíduo apresente traços acentuados de ambas as dimensões do apego, apresentando o supracitado estilo de apego medroso (Mikulincer & Shaver, 2016).

A literatura demonstra a influência do apego em vários aspectos da vida adulta, como a qualidade das relações entre parceiros, satisfação conjugal, estratégias de regulação emocional e táticas de resolução de conflito em casais, entre outras vivências características dos relacionamentos íntimos, nas quais os estilos de apego inseguro tendem a associar-se com mau funcionamento da relação (Becker & Crepaldi, 2019;

Bedair et al., 2020; Bonache et al., 2019; Consoli et al., 2018; Fowler & Dillow, 2011; Li & Chan, 2012; Sierau & Herzberg, 2012).

Nesse sentido, Mikulincer e Shaver (2016) apontam para a importância das estratégias de regulação emocional associadas à ativação do sistema comportamental de apego. Segundo os autores, indivíduos com traços acentuados da dimensão ansiedade tendem a apresentar estratégias de hiperativação do sistema de apego, caracterizadas pela vigilância excessiva a possíveis ameaças ao relacionamento, preocupação constante com a disponibilidade da figura de apego e maior engajamento em conflitos nas relações. Por outro lado, pessoas com estilo de apego evitativo apresentam estratégias de desativação do sistema de apego, marcadas pelo menosprezo a potenciais ameaças e negação da necessidade da presença ou suporte da figura de apego (Mikulincer & Shaver, 2016).

Diante do exposto, percebe-se que os traços de insegurança do apego caracterizam-se por dificuldades de regulação emocional e estratégias disfuncionais de resolução de conflitos, destacando-se como fatores capazes de agravar as desavenças no contexto de um relacionamento e contribuir para a escalada de eventos até a culminância da violência por parceiro íntimo.

Apego e violência por parceiro íntimo

As pesquisas associando apego e violência por parceiro íntimo mostram que há correlação positiva entre as dimensões ansiedade e evitação e a perpetração de violência física, psicológica e sexual por parceiro íntimo (Velotti et al., 2020); que o estilo de apego preocupado pode ser preditor da ocorrência (tanto perpetração quanto vitimização) de violência física e psicológica entre parceiros (Henderson et al., 2005); e

que os estilos de apego ansioso, evitativo e desorganizado estão associados à perpetração e vitimização por violência física na relação (Spencer et al., 2021).

Outras investigações apontam que homens autores de violência contra a mulher, quando comparados a grupos controle, apresentam níveis mais altos de ansiedade e/ou evitação relacionada ao apego e maior prevalência de estilos de apego inseguro (Babcock et al., 2000; Pimentel & Santelices, 2017).

O estudo de Pimentel e Santelices (2017), com amostra chilena, comparou estilo de apego e mentalização em 20 homens condenados por violência contra a parceira e 20 homens sem antecedentes de perpetração desta violência. Segundo seus resultados, 60% dos participantes condenados por violência apresentaram apego inseguro, dos quais 41,7% foram classificados com apego evitativo, 25% com apego preocupado e 33,3% com apego medroso. Quanto ao grupo controle, apenas 30% dos homens apresentaram apego inseguro, dentre os quais 50% receberam a classificação de apego evitativo e a outra metade, de apego preocupado. No que tange às pontuações médias nas dimensões ansiedade e evitação, houve diferença significativa entre os dois grupos apenas na dimensão ansiedade relacionada ao apego ($U = 93,5$, $Z = -2,882$, $p = 0,004$).

Tais achados da literatura, os quais apontam para diferenças no apego entre autores e não autores de violência contra parceiros e maior prevalência de estilos de apego inseguro em autores, podem ser explicados à luz das estratégias de regulação emocional adotadas por esses diferentes grupos. Estratégias disruptivas de regulação emocional são características de indivíduos com estilos de apego inseguro, contribuindo para problemas de comunicação e confiança, e aumentando as chances de conflitos dentro da relação (Li & Chan, 2012; Mikulincer & Shaver, 2016).

Em um estudo que visou comparar o estilo de apego de 23 maridos violentos e 13 não violentos, Babcock et al. (2000) mostraram que os homens do primeiro grupo

eram mais propensos a ser classificados como inseguros em relação ao apego (74%) do que os não violentos (38%). O estudo também mostrou que, entre os maridos autores de agressão, as circunstâncias do comportamento violento variavam de acordo com o estilo de apego. Aqueles com estilo de apego preocupado tendiam à agressividade diante do distanciamento de suas esposas, o que ilustra a hiperativação do sistema de apego diante da ameaça real ou imaginária do abandono e da rejeição. Já os participantes com estilo de apego evitativo eram violentos contra suas esposas sobretudo quando estas manifestavam comportamentos defensivos.

Nesse sentido, a literatura aponta que, em autores de violência contra a parceira classificados com estilo de apego preocupado, o uso da violência pode ser interpretado como uma expressão da dificuldade de regular o afeto negativo diante das suas necessidades frustradas de proximidade e intimidade, em uma tentativa de forçar a parceira a focar neles (Allison et al., 2008; Babcock et al., 2000). Por outro lado, os autores de violência classificados com apego evitativo podem utilizar a violência para controlar suas parceiras e manter o distanciamento desejado em relação a elas, especialmente diante de comportamentos que eles consideram intrusivos (Allison et al., 2008; Velotti et al., 2020).

Apesar da expressiva literatura internacional acerca da relação entre apego adulto e violência por parceiro íntimo, o mesmo não pode ser dito sobre as produções científicas nacionais, as quais voltam-se mais ao estudo do apego infantil e das relações entre bebês e cuidadores. Além disso, no que tange à violência por parceiro íntimo, as pesquisas e intervenções enfocam sobretudo as mulheres vítimas, havendo uma lacuna nas investigações voltadas a caracterizar os traços psicológicos dos homens e a relação destes com os atos de agressão que praticam e que sofrem nos relacionamentos.

Diante do exposto, esta pesquisa teve como objetivos correlacionar as dimensões do apego e a ocorrência de violência física e psicológica por parceiro íntimo em homens de um grupo reflexivo para autores de violência doméstica contra a mulher (Grupo 1) e homens da população geral (Grupo 2), e comparar os grupos quanto às dimensões do apego e a ocorrência de violência.

Para se alcançar os objetivos gerais, os objetivos específicos foram:

Aferir a ocorrência (perpetração e vitimização) de violência física e psicológica em homens de um grupo reflexivo para autores de violência doméstica contra a mulher (Grupo 1) e homens da população geral (Grupo 2);

Medir os níveis de ansiedade e evitação relacionada ao apego em cada grupo (Grupo 1 e 2).

Correlacionar a violência física à psicológica, e a violência perpetrada à violência sofrida em cada grupo (Grupo 1 e 2);

Correlacionar os escores das dimensões do apego aos de violência física e psicológica, perpetrada e sofrida, em cada grupo (Grupo 1 e 2);

Comparar os grupos (Grupo 1 e 2) quanto aos escores das dimensões do apego e os escores de violência perpetrada e sofrida entre parceiros.

Método

Delineamento

Foi realizada uma pesquisa empírica com delineamento transversal e objetivos descritivos e exploratórios. Quanto ao tipo de procedimento técnico utilizou-se o levantamento do tipo Survey com amostras independentes e abordagem quantitativa de análise dos dados (Gil, 2018).

Participantes

A amostra foi selecionada por critério de conveniência, com dois grupos de 40 participantes cada. O Grupo 1 foi composto por homens cumprindo determinação judicial por violência doméstica contra a mulher, a qual consistia na participação mandatória em reuniões de um grupo reflexivo do Núcleo de Prevenção e Enfrentamento à Violência de Gênero (NUGEN) da Defensoria Pública do Estado do Pará. Os critérios de inclusão foram: ser homem maior de 18 anos, residir na Região Metropolitana de Belém e ter se envolvido em situação de violência doméstica contra uma parceira ou ex-parceira, excluindo-se os casos de violência contra familiares e outrem. A idade média dos participantes desse grupo foi 41,55 anos (DP=10,18), com idade mínima de 22 anos e máxima de 63 anos.

O Grupo 2 foi composto por homens da população geral, recrutados em um serviço de atendimento à comunidade (Usina da Paz), os quais apresentavam características sociodemográficas compatíveis com os participantes do primeiro grupo. Os critérios de inclusão foram: ser homem maior de 18 anos, residir na Região Metropolitana de Belém e estar, ou ter estado no último ano, em um relacionamento íntimo com uma parceira do gênero feminino. A idade média dos participantes do Grupo 2 foi 43,05 anos (DP=14,29), com idade mínima de 18 anos e máxima de 69 anos.

As informações sociodemográficas de ambos os grupos e os dados referentes à violência doméstica perpetrada no Grupo 1 são apresentados nas Tabelas 1 e 2, respectivamente.

Tabela 1

Características sociodemográficas

Variáveis	Grupo 1		Grupo 2	
	<i>n</i>	%	<i>n</i>	%
Cor/etnia				
Pardo	32	80	34	85
Branco	4	10	4	10
Preto	4	10	1	2,5
SI	0	0	1	2,5
Religião				
Católico	15	37,5	19	47,5
Evangélico	18	45	12	30
Outra	3	7,5	4	10
Sem religião	3	7,5	5	12,5
SI	1	2,5	0	0
Escolaridade				
E.F.I	9	22,5	3	7,5
E.F.C	3	7,5	5	12,5
E.M.I	5	12,5	5	12,5
E.M.C	15	37,5	23	57,5
E.S.I	2	5	3	7,5
E.S.C	5	12,5	1	2,5
SI	1	2,5	0	0
Renda				
Até 1 SM	10	25	15	37,5
Até 3 SM	18	45	15	37,5
Até 5 SM	4	10	3	7,5
Acima de 5 SM	2	5	3	7,5
Sem renda	1	2,5	1	2,5
SI	5	12,5	3	7,5
Estado civil				
Solteiro	24	60	16	40
Casado	7	17,5	19	47,5
Divorciado	5	12,5	2	5
SI	4	10	3	7,5

Nota. SI = sem informação. E.F.I = ensino fundamental incompleto; E.F.C = ensino fundamental completo; E.M.I = ensino médio incompleto; E.M.C = ensino médio completo; E.S.I = ensino superior incompleto; E.S.C = ensino superior completo. SM = salário-mínimo.

A tabela 1 mostra que ambos os grupos investigados foram compostos por homens majoritariamente pardos, cristãos, de baixa escolaridade e baixa renda. Na análise descritiva dos dados a diferença entre os grupos 1 e 2 foi o estado civil, com o Grupo 1 sendo caracterizado predominantemente por homens solteiros, enquanto o estado civil mais frequente no segundo grupo foi casado.

Tabela 2

Caracterização dos casos de violência no Grupo 1

	<i>n</i>	<i>%</i>
Relação c/ a vítima		
Parceira	33	82,5
Ex-parceira	6	15
SI	1	2,5
Filhos c/ a vítima		
Sim	25	62,5
Não	13	32,5
SI	2	5
Local da agressão		
Local público	5	12,5
Residência do casal	12	30
Residência do autor	1	2,5
Residência de terceiro	1	2,5
SI	21	52,5
Forma de agressão		
Apenas física	18	45
Apenas psicológica	8	20
Física e patrimonial	1	2,5
Física e psicológica	4	10
Física, psicológica e moral	2	5
Moral e psicológica	1	2,5
SI	6	15

Nota. SI = sem informação.

Quanto à caracterização dos casos de violência contra a parceira exibidos na Tabela 2, percebe-se que o Grupo 1 foi formado majoritariamente por homens que estavam em um relacionamento com a vítima no momento da violência, tinham filhos com esta, cometeram o ato em ambiente residencial e perpetraram violência física.

Contexto

Todas as entrevistas foram realizadas na modalidade presencial. A investigação com o grupo experimental (Grupo 1) foi conduzida no prédio do NUGEN da Defensoria Pública do Estado do Pará, responsável pelo atendimento e defesa a homens autores de violência doméstica e familiar contra a mulher. O serviço destina-se a homens respondendo a processo judicial ou condenados em cumprimento de penas ou medidas alternativas, e conta com o Programa Reincidência Zero, o qual promove grupos reflexivos de conscientização acerca da violência de gênero aos seus assistidos (Souza, Santos, Sabbag, Lemos, Sena & Jesus, 2013). As entrevistas foram realizadas em uma sala reservada dentro da instituição, disponibilizada pela equipe, com mesas, cadeiras e ar-condicionado.

Quanto ao grupo comparativo, as entrevistas foram realizadas em uma unidade da Usina da Paz, projeto governamental do estado do Pará voltado para a prevenção à violência, a inclusão social e o fortalecimento comunitário. O projeto conta atualmente com nove complexos onde são ofertados diversos serviços à comunidade, como emissão de documentos, atendimento médico, capacitação técnica e profissionalizante, entre outros. Esta instituição foi escolhida para o recrutamento do Grupo 2 devido ao fácil acesso aos seus usuários, e às semelhanças sociodemográficas (idade, cor/etnia, escolaridade e renda) destes em relação aos participantes do Grupo 1.

Para a coleta de dados no Grupo 2, foi disponibilizada uma sala com ar condicionado, uma mesa e algumas cadeiras. Entretanto, a sala não estava sempre disponível, pois outras atividades eram realizadas no espaço pela equipe. Além disso, nem todos os participantes aceitavam se deslocar até o espaço oferecido, sendo entrevistados nas filas de espera dos serviços de assistência e saúde.

Considerações éticas

Esta pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos do Núcleo de Medicina Tropical da Universidade Federal do Pará, no projeto intitulado Estilo de apego e agressão em homens sentenciados por violência contra a mulher, sob parecer de número 6.041.949, CAAE 66478922.7.0000.5172.

A participação neste estudo esteve condicionada à assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) e uma cópia do documento foi entregue a cada participante. Ressalta-se que, devido ao tema sensível da pesquisa, capaz de suscitar mobilizações emocionais e/ou desconforto nos participantes, a pesquisadora responsável esteve à disposição para o manejo da situação, oferecendo acolhimento psicológico quando necessário, e encaminhamento a serviços gratuitos de psicoterapia.

Instrumentos

Formulário de Caracterização Biopsicossocial de Autores de Violência

(Anexo A): é um formulário desenvolvido por Reis e Cavalcante (2016) para a caracterização de autores e vítimas de agressão sexual, e modificado pela autora deste trabalho para atender às particularidades da caracterização dos autores de violência doméstica contra a mulher. O instrumento contempla dados biopsicossociais (cor/etnia, religião, idade, escolaridade, renda, estado civil) dados acerca do relacionamento com a vítima (vínculo no momento da agressão e presença ou ausência de filhos com a vítima) e do ato de violência (local do ato, forma de agressão).

Revised Conflict Tactic Scales - CTS 2 em português (Anexo B): é uma adaptação transcultural para o português do instrumento de Straus et al. (1996), realizada por Moraes, Hasselmann e Reichenheim (2002). É uma escala multidimensional por autorrelato que identifica a ocorrência, e frequência, de diferentes táticas de resolução de conflitos entre parceiros. O instrumento possui 5 subescalas

(agressão física, violência psicológica, coerção sexual, danos à saúde e negociação) e 78 itens voltados para investigar se o respondente já praticou e/ou foi alvo dos atos mencionados, ao longo do último ano. Tendo em vista os objetivos deste estudo, foi utilizada uma versão modificada do instrumento contendo apenas as dimensões de agressão física e psicológica da escala, a qual contou com 40 itens.

Experience in Close Relationships Scale – Reduzida (ECR-R-Brasil) (Anexo C): é a versão brasileira, traduzida e adaptada por Natividade e Shiramizu (2015), da escala ECR-Short (ECR-S) de Wei et al. (2007). É um instrumento por autorrelato, utilizado para avaliar o apego adulto a partir de duas dimensões: ansiedade relacionada ao apego e evitação relacionada ao apego. A primeira refere-se à preocupação com a continuidade do relacionamento amoroso e com a responsividade do parceiro, assim como necessidade de proximidade, enquanto a segunda é referente ao desconforto com a proximidade emocional e preferência por distanciamento.

O instrumento é uma escala *Likert* de dez itens, cinco para cada uma das dimensões avaliadas. Os itens da escala contêm afirmações com as quais o respondente pode concordar ou discordar de 1 a 7. Quanto maiores as pontuações em cada dimensão, maiores os níveis de ansiedade e/ou evitação relacionada ao apego (Natividade e Shiramizu, 2015).

Procedimentos de coleta de dados

Grupo 1

Para a coleta do Grupo 1 foi feito o contato com o NUGEN por intermédio da psicóloga responsável pelo núcleo, sendo protocolado junto à Defensoria um documento solicitando autorização para realizar a pesquisa na instituição. Em seguida, o projeto de pesquisa foi apresentado à equipe técnica e a pesquisadora iniciou sua participação nos grupos reflexivos, estabelecendo o *rapport* com os potenciais participantes.

No período da coleta de dados, o núcleo contava com oito grupos de assistidos e cada um se reunia quinzenalmente. Os encontros ocorriam nas terças, quintas e sextas, com início às 9 horas da manhã e término variando entre 11 e 12 horas. Os homens que atendiam aos critérios de inclusão eram convidados a participar da pesquisa e, em caso de aceite, as entrevistas eram realizadas após o término de cada reunião ou, quando possível, antes do seu início.

As escalas ECR-R-Brasil e CTS-2 foram impressas e aplicadas diretamente com os participantes, enquanto o Formulário de Caracterização foi preenchido por meio de fontes documentais. Inicialmente, as sessões de aplicação se deram de forma individual, na sala designada. As perguntas das escalas eram lidas e reproduzidas oralmente pela pesquisadora, a qual preenchia por escrito as respostas do participante. Essa forma de aplicação foi pensada para contornar possíveis dificuldades de leitura dos respondentes. Entretanto, esse método acabou por mostrar-se inviável devido à limitação de entrevistar apenas um participante por dia, pois os assistidos não tinham disponibilidade para aguardar outras entrevistas serem finalizadas antes da sua, nem para comparecer em outro dia e horário que não fosse o da reunião. Dessa forma, o prazo a ser cumprido poderia ser comprometido.

Para lidar com esse obstáculo, foi adotado o método de autopreenchimento com os participantes seguintes. Dessa forma, foi possível alocar até quatro participantes na sala simultaneamente, onde recebiam as instruções da pesquisadora e preenchiam os formulários das escalas por escrito, preservando o sigilo de suas informações. A aplicadora permanecia na sala a fim de sanar quaisquer dúvidas relacionadas aos instrumentos. Foram mantidos os dados coletados de ambas as formas, pois a exclusão dos primeiros participantes implicaria em um N reduzido, dada à baixa adesão da amostra e às faltas frequentes dos assistidos às reuniões.

Em dias alternados à aplicação das escalas com os participantes, foi realizado o preenchimento do Formulário de Caracterização Biopsicossocial por meio de consulta aos prontuários dos autores de violência, preenchidos pela equipe do NUGEN durante o acolhimento destes na instituição. Os prontuários continham dados biopsicossociais e informações fornecidas pelos assistidos acerca da situação de violência, relação com a vítima, além de outras informações pessoais, como a relação com seus cuidadores na infância e adolescência.

Grupo 2

Próximo ao fim da coleta do Grupo 1, foi iniciada a coleta de dados com o grupo comparativo (Grupo 2). Para isso, foi enviado um ofício à coordenadora de uma unidade da Usina da Paz, a qual autorizou a realização da pesquisa. Os respondentes foram recrutados entre os homens que estavam nas filas de atendimento assistencial e de saúde, além de um pequeno número de funcionários da instituição que aceitaram participar. Estes eram abordados diretamente e a pesquisa era apresentada, sendo oferecida ao participante a possibilidade de responder por meio de autopreenchimento ou entrevista oral. Em caso de aceite, o participante era convidado a se dirigir à sala reservada (quando esta estava disponível). Muitos, entretanto, se recusavam a se deslocar até a sala, circunstância em que a entrevistadora e o participante se afastavam das outras pessoas na fila, para evitar que as perguntas e respostas fossem ouvidas pelos demais.

Nos casos em que a opção escolhida pelo participante era o autopreenchimento, eram dadas as instruções e entregues a ele uma prancheta com os instrumentos impressos e uma caneta. Em caso da opção pela entrevista oral, a pesquisadora fazia as perguntas, preenchendo os formulários por escrito. Destaca-se que, no Grupo 2, o Formulário de Caracterização Biopsicossocial foi aplicado diretamente com os

participantes, pois não houve acesso a fichas de registro ou qualquer fonte documental com os seus dados. Nesse grupo, foi aplicada apenas a seção do formulário referente aos dados sociodemográficos, excluindo-se as perguntas sobre características do crime e da vítima.

Procedimentos de análise de dados

Os dados foram organizados em planilhas do *Microsoft Excel* 365 e, posteriormente, transferidos para o *Statistical Package for the Social Sciences* (SPSS). Foram realizadas análises estatísticas descritivas e de frequência para caracterização dos participantes quanto aos aspectos biopsicossociais.

Em seguida, os escores das escalas CTS-2 e ECR-R-Brasil foram calculados para aferir a ocorrência (perpetração e vitimização) de violência física e psicológica por parceiro íntimo e as dimensões do apego em ambos os grupos. Após essa etapa, foi feita análise de correlação de *Spearman* para correlacionar as variáveis violência física perpetrada, violência psicológica perpetrada, violência física sofrida e violência psicológica sofrida; e correlacionar os escores de ansiedade e evitação relacionada ao apego aos escores de violência física e psicológica, perpetrada e sofrida. Aqui, foram consideradas correlações significativas aquelas com $p < 0,05$. Além disso, a força/magnitude das correlações foi considerada fraca para valores de 0,1 a 0,3; moderada para valores de 0,4 a 0,6; e forte para valores de 0,7 a 0,9 (Dancey & Reidy, 2019).

Para comparar os grupos 1 e 2 quanto à ocorrência de violência física e psicológica por parceiro íntimo e às pontuações nas dimensões do apego, foi realizado o teste U de Mann-Whitney. Tanto nas análises de correlação quanto nas análises de comparação entre grupos, foram utilizados testes não-paramétricos, pois a distribuição dos escores não foi normal.

Resultados e discussão

Os resultados serão apresentados a partir de cinco seções: a ocorrência (perpetração e vitimização) de violência física e psicológica em homens cumprindo determinação judicial (Grupo 1) e homens da população geral (Grupo 2); os níveis de ansiedade e evitação relacionada ao apego cada grupo (Grupos 1 e 2); as correlações entre a violência física e psicológica, perpetradas e sofridas em ambos os grupos; as correlações entre os escores das dimensões do apego e os escores de violência física e psicológica, perpetrada e sofrida, em cada grupo; e a comparação entre os grupos quanto aos escores das dimensões do apego e os escores de violência.

Perpetração e vitimização de violência física e psicológica por parceiro íntimo

No que tange à ocorrência de violência entre parceiros, medida pela escala CTS-2, o Grupo 1 apresentou as seguintes pontuações médias: 4,5 em Violência Física Perpetrada (VFP); 12,4 em Violência Psicológica Perpetrada (VPP); 17,13 em Violência Física Sofrida (VFS) e 23,7 em Violência Psicológica Sofrida (VPS). Por sua vez, no Grupo 2, foram obtidas as médias a seguir: 2,95 em Violência Física Perpetrada (VFP); 15,85 em Violência Psicológica Perpetrada (VPP); 7,33 em Violência Física Sofrida (VFS) e 19,13 em Violência Psicológica Sofrida (VPS). Os valores podem ser observados na Tabela 3.

Tabela 3

Pontuações dos Grupos 1 e 2 para a perpetração e vitimização de violência

Violência	Grupo 1			Grupo 2		
	Média	Mediana	DP	Média	Mediana	DP
VFP	4,5	3	5,81	2,95	0	8,13
VPP	12,4	8	14,4	15,85	6,5	18,2
VFS	17,13	6	27,63	7,33	0	12,75
VPS	23,7	8,5	36,46	19,13	10	21,61

Nota. DP = desvio padrão; VFP= violência física perpetrada; VPP= violência psicológica perpetrada; VFS= violência física sofrida; VPS= violência psicológica sofrida.

Quanto maior a pontuação para cada forma de violência sofrida e/ou perpetrada, maior a frequência dos atos violentos no relacionamento do participante. Nesse sentido, a tabela 3 mostra que, no Grupo 1, os participantes apresentaram médias mais expressivas referentes à violência sofrida por estes, tanto física quanto psicológica, do que à violência perpetrada por eles contra suas parceiras. A média mais elevada correspondeu à violência psicológica sofrida pelos participantes, e a menor à violência física perpetrada.

Destaca-se, entretanto, os elevados valores do desvio padrão, indicando que houve grande discrepância entre as pontuações dentro do próprio grupo. Ou seja, há valores dentro da amostra distantes das médias apresentadas, sinalizando a presença de um grupo heterogêneo quanto à ocorrência de violência.

Os dados obtidos parecem inesperados ao se considerar que o Grupo 1 trata-se de uma amostra de homens cumprindo medidas judiciais por violência doméstica contra a mulher. Entretanto, uma investigação de Moura et al. (2020) com oito homens autores de violência contra a mulher mostrou que todos os participantes afirmaram haver reciprocidade nos atos violentos do casal. Além disso, metade deles atribuiu maior potencial ofensivo aos atos da parceira do que aos próprios atos. Esses achados podem refletir tanto uma dinâmica relacional violenta de ambas as partes, quanto uma tentativa dos homens de se afastar da imagem de agressor, culpabilizando a vítima.

No Grupo 2, apesar de ser constituído por homens da população geral, a violência por parceiro íntimo também esteve presente, com destaque para a violência psicológica, a qual se manifestou em números bem maiores do que a violência física. De forma similar ao Grupo 1, para ambas as formas de violência, os participantes relataram

mais agressões sofridas do que perpetradas contra suas parceiras. Contudo, nesse grupo também foram obtidos altos valores de desvio padrão, sinalizando a heterogeneidade intragrupo.

Os altos números de violência psicológica perpetrada e sofrida no Grupo 2 podem refletir a banalização dessa forma de violência nas relações íntimas, e até mesmo a falta de reconhecimento dessa como uma forma de agressão. As médias de violência psicológica perpetrada e sofrida estiveram próximas, havendo, entretanto, uma diferença em favor da violência sofrida. Esse resultado encontra suporte no estudo de Razera et al. (2022) com casais heterossexuais, o qual mostrou que a violência psicológica se manifestou de forma bidirecional em 70% dos casos, e, quando, unidirecional, foi mais perpetrada pelas mulheres.

Ansiedade e evitação relacionada ao apego

Quanto às dimensões do apego avaliadas pela ECR-R-Brasil, no Grupo 1, a média dos escores dos participantes foi 3,94 para a dimensão ansiedade, e 2,5 para a dimensão evitação. O valor mínimo obtido foi 1 para ambas as dimensões, enquanto os máximos foram 6,6 na dimensão ansiedade e 5,2 na dimensão evitação. No Grupo 2, a média dos escores foi 3,26 para a ansiedade relacionada ao apego, e 1,6 para evitação relacionada ao apego. O valor mínimo para ambas as dimensões foi 1, e os valores máximos foram 5,8 para a dimensão ansiedade e 4 para a dimensão evitação. Os valores podem ser observados em detalhes na Tabela 4.

Tabela 4*Pontuações dos Grupos 1 e 2 para as dimensões do apego*

Dimensões	Grupo 1			Grupo 2		
	Média	Mediana	DP	Média	Mediana	DP
Ansiedade	3,94	3,9	1,44	3,26	3,1	1,26
Evitação	2,5	2,2	1,21	1,6	1,2	0,86

Nota. DP = desvio padrão.

Ressalta-se que, quanto maiores as pontuações obtidas nas dimensões do apego investigadas, maiores são os traços de insegurança do apego. Níveis acentuados de ansiedade relacionada ao apego apontam para um estilo de apego preocupado/ansioso, ao passo que níveis acentuados de evitação indicam estilo de apego evitativo, e níveis elevados em ambas as dimensões podem significar a presença do estilo de apego medroso (Mikulincer & Shaver, 2016).

A partir dos dados exibidos na tabela 4, nota-se que os participantes do Grupo 1 apresentaram uma pontuação média bem mais elevada na dimensão ansiedade do que na dimensão evitação, com uma diferença de 1,44 pontos, sinalizando a maior presença do apego ansioso na amostra. Esse dado corrobora achados de investigações anteriores, segundo as quais a violência por parceiro íntimo associa-se mais fortemente ao apego preocupado e medroso (ambos com traços acentuados de ansiedade relacionada ao apego) do que ao apego evitativo (Henderson et al., 2005; Velotti et al., 2020).

No Grupo 2, a média dos participantes também foi maior na dimensão ansiedade do que na dimensão evitação, havendo uma diferença de 1,66 pontos entre as médias das duas dimensões do apego. Outras pesquisas, com amostras de jovens universitários, apontam que os traços de ansiedade tendem a ser mais expressivos do que os de evitação nas populações investigadas (Pollard & Cantos, 2021; Stevenson et al., 2019).

Correlações entre as variáveis da violência

Quanto à análise de correlação entre as variáveis da violência, por meio do teste *rho* de *Spearman*, foram encontradas correlações estatisticamente significativas em ambos os grupos investigados. Nas tabelas 5 e 6, observam-se todas as correlações obtidas nos grupos 1 e 2, respectivamente.

Tabela 5

Correlações entre as formas de violência perpetradas e sofridas no Grupo 1

Variáveis	VFP		VPP		VFS		VPS	
	<i>Rho</i>	Sig.	<i>Rho</i>	Sig.	<i>Rho</i>	Sig.	<i>Rho</i>	Sig.
VFP	1	0	0,18	0,266	0,475**	0,002	0,236	0,143
VPP	0,18	0,266	1	0	0,288	0,072	0,743***	0,000
VFS	0,475**	0,002	0,288	0,072	1	0	0,412**	0,008
VPS	0,236	0,143	0,743***	0,000	0,412**	0,008	1	0

Nota. VFP= violência física perpetrada; VPP= violência psicológica perpetrada; VFS= violência física sofrida; VPS= violência psicológica sofrida. *Rho* = coeficiente de correlação de *Spearman*. Sig. = significância.

* $p < 0,05$. ** $p < 0,01$. *** $p < 0,001$

No Grupo 1, foram obtidas três correlações positivas estatisticamente significativas entre as formas de violência investigadas. Estas se deram entre a violência física sofrida e perpetrada, com magnitude moderada ($\rho = 0,475$, $p = 0,002$); entre violência psicológica sofrida e perpetrada, com magnitude forte ($\rho = 0,743$, $p < 0,001$); e entre violência psicológica sofrida e violência física sofrida, com magnitude moderada ($\rho = 0,412$, $p = 0,008$).

Tabela 6

Correlações entre as formas de violência perpetradas e sofridas no Grupo 2

Variáveis	VFP		VPP		VFS		VPS	
	<i>Rho</i>	Sig.	<i>Rho</i>	Sig.	<i>Rho</i>	Sig.	<i>Rho</i>	Sig.

VFP	1	0	0,486**	0,001	0,628***	0,000	0,610***	0,000
VPP	0,486**	0,001	1	0	0,674***	0,000	0,759***	0,000
VFS	0,628***	0,000	0,674***	0,000	1	0	0,688***	0,000
VPS	0,610***	0,000	0,759***	0,000	0,688***	0,000	1	0

Nota. VFP= violência física perpetrada; VPP= violência psicológica perpetrada; VFS= violência física sofrida; VPS= violência psicológica sofrida. Rho = coeficiente de correlação de *Spearman*. Sig. = significância.

* $p < 0,05$. ** $p < 0,01$. *** $p < 0,001$

No Grupo 2, foram obtidas seis correlações positivas e estatisticamente significativas entre as variáveis da violência: entre a VPP e VFP ($\rho=0,486$, $p=0,001$) com magnitude moderada; entre VFS e VFP ($\rho=0,628$, $p<0,001$) com magnitude moderada; entre VPS e VFP ($\rho=0,610$, $p<0,001$) com magnitude moderada; entre VFS e VPP ($\rho=0,674$, $p<0,001$) com magnitude moderada; entre VPS e VPP ($\rho=0,759$, $p<0,001$) com magnitude forte; e entre VPS e VFS ($\rho=0,688$, $p<0,001$) com magnitude moderada.

Destaca-se que, em ambos os grupos, a perpetração de violência (tanto física quanto psicológica) esteve correlacionada de forma positiva e significativa à vitimização, com magnitudes variando de moderadas a fortes. Isso significa que houve considerável número de casos em que os participantes tanto perpetraram quanto sofreram violência no âmbito dos seus relacionamentos, sinalizando a presença de violência bidirecional na amostra.

Quanto a isso, a violência bidirecional tem sido apontada por pesquisas recentes (Razera et al., 2022; Machado et al., 2023) como um fenômeno frequente nas relações entre parceiros íntimos, problematizando a concepção rígida de que homens e mulheres seriam, de forma exclusiva, autores de violência e vítimas, respectivamente. Segundo críticos, essa visão negligencia a violência perpetrada por mulheres, a violência em

relações homoafetivas e a violência bidirecional (Bates, 2016). Nesse sentido, questionar esta dicotomia e reconhecer a heterogeneidade dos casos de violência por parceiro íntimo, considerando também as agressões cometidas por mulheres, pode beneficiar intervenções.

Entretanto, reconhecer a bidirecionalidade da violência não é afirmar que existe simetria entre os gêneros feminino e masculino. Nesse sentido, embora mulheres e homens pratiquem violência no âmbito do relacionamento, as primeiras sofrem mais com lesões e medo do parceiro do que os segundos (Hamberger & Larsen, 2015; Sillito, 2012). Ademais, segundo uma revisão de literatura realizada por Hamberger & Larsen (2015), mulheres tendem a praticar violência física mais frequentemente em resposta a uma violência prévia praticada contra elas, e violência psicológica expressiva (e.g. gritar), enquanto homens utilizam táticas que ameaçam a vida das mulheres e inibem sua autonomia. Logo, considerar o contexto e as motivações da violência é importante para análises mais aprofundadas.

Outro dado importante foi a correlação positiva entre violência física e psicológica. No Grupo 1, essa correlação foi significativa apenas para a violência sofrida pelos participantes ($\rho=0,412$, $p=0,008$). No Grupo 2, entretanto, as correlações foram significativas tanto para a violência física e psicológica sofrida ($\rho=0,688$, $p=0,000$), quanto para a violência física e psicológica perpetrada ($\rho=0,486$ $p=0,001$). Este dado está de acordo com pesquisas prévias, as quais apontam para a coocorrência das duas formas de violência nos casos de violência por parceiro íntimo (Hacaliefendioglu et al., 2021; Pico-Alfonso et al., 2006).

Na pesquisa de Pico-Alfonso et al. (2006), com mulheres espanholas, todas as participantes vítimas de violência física também sofreram pelo menos algum tipo de agressão psicológica. De forma similar, o estudo de Hacaliefendioglu et al. (2021), que

investigou os casos de violência por parceiro íntimo a partir dos dados da National Intimate Partner and Sexual Violence Survey, observou correlação positiva linear entre a ocorrência de violência física e agressão psicológica. Nesse sentido, percebe-se que as distintas formas de violência não ocorrem isoladamente, mas sim interação de diferentes maneiras, nas quais a violência psicológica costuma estar subjacente e antecede as outras formas de agressão (Silva et al., 2007; Queiroz & Cunha, 2018).

Correlações entre as dimensões do apego e violência

Quanto à análise de correlação entre as dimensões do apego e a ocorrência de violência física e psicológica entre parceiros, o Grupo 1 não apresentou correlação estatisticamente significativa. Por outro lado, no Grupo 2, foram obtidas correlações positivas e estatisticamente significativas. As correlações obtidas nos Grupos 1 e 2 estão expostas nas tabelas 7 e 8, respectivamente.

Tabela 7

Correlações entre a ocorrência de violência e as dimensões do apego no Grupo 1

Violência	Ansiedade		Evitação	
	<i>Rho</i>	Sig.	<i>Rho</i>	Sig.
VFP	0,018	0,911	0,26	0,105
VPP	0,115	0,481	0,312	0,05
VFS	0,2	0,216	0,237	0,141
VPS	0,109	0,505	0,286	0,073

Nota. VFP= violência física perpetrada; VPP= violência psicológica perpetrada; VFS= violência física sofrida; VPS= violência psicológica sofrida. *Rho* = coeficiente de correlação de *Spearman*. Sig. = significância.

Observa-se que, para o Grupo 1, foram encontradas correlações positivas entre as variáveis da violência entre parceiros e as dimensões do apego, porém nenhuma delas

apresentou um p com valor inferior a 0,05. Ou seja, a probabilidade de tais correlações terem sido obtidas por acaso é maior do que 5%, de forma que não podem ser consideradas estatisticamente significativas. É digno de nota, entretanto, que a correlação entre a violência psicológica perpetrada e a dimensão evitação esteve perto de corresponder ao critério mínimo de significância, com um valor $p = 0,05$.

Este achado diverge da literatura que aborda a relação entre apego adulto e violência, a qual apresenta numerosas evidências da correlação positiva entre as dimensões ansiedade e evitação relacionadas ao apego e a ocorrência de violência entre parceiros.

Ressalta-se que o apego inseguro, seja medido em termos de dimensões ou de estilos de apego, tem sido associado tanto à perpetração quanto à vitimização por violência em variados tipos de amostra, inclusive entre homens autores de violência doméstica (Babcock et al., 2000; González et al., 2016; Henderson et al., 2005; Pimentel & Santelices, 2017; Loubat et al., 2007; Polit & Proaño, 2021; Ponti & Tani, 2019; Sandberg et al., 2016; Spencer et al., 2021; Velotti et al., 2020).

Acredita-se que a ausência de correlações significativas entre apego e violência no Grupo 1 pode refletir inúmeros fatores, desde a existência de outras variáveis de influência sobre o fenômeno que não foram investigadas nesta pesquisa, como histórico de maus-tratos na infância e traços de personalidade, a questões metodológicas, como o baixo número de participantes e a dificuldade de aplicação do instrumento em uma amostra de baixa escolaridade.

Tabela 8

Correlações entre a ocorrência de violência e as dimensões do apego no Grupo 2

Violência	Ansiedade		Evitação	
	<i>Rho</i>	Sig.	<i>Rho</i>	Sig.

VFP	,325*	0,041	0,054	0,742
VPP	0,229	155	0,107	0,511
VFS	0,317*	0,046	-0,066	0,686
VPS	0,464**	0,003	0,222	0,168

Nota. VFP= violência física perpetrada; VPP= violência psicológica perpetrada; VFS= violência física sofrida; VPS= violência psicológica sofrida. Rho = coeficiente de correlação de *Spearman*. Sig. = significância.

* $p < 0,05$. ** $p < 0,01$.

No Grupo 2, a dimensão ansiedade relacionada ao apego esteve correlacionada positiva e significativamente à violência física perpetrada e sofrida, e à violência psicológica sofrida, apresentando correlações de magnitudes baixas e moderada, respectivamente. Por outro lado, a dimensão evitação não apresentou correlação significativa com as formas de violência analisadas nesta pesquisa.

Estes resultados estão parcialmente de acordo com a literatura, conforme exemplificado pela metanálise de Spencer et al. (2021), a qual investigou a associação entre estilos de apego e violência física entre parceiros íntimos em homens e mulheres. Esta pesquisa mostrou que os estilos de apego ansioso e evitativo estiveram correlacionados positivamente à perpetração e vitimização por violência, enquanto o apego seguro esteve correlacionado de forma negativa. Outra metanálise, conduzida por Velotti et al. (2020), encontrou correlações positivas e significativas entre a perpetração de violência física e psicológica e as dimensões ansiedade e evitação relacionada ao apego.

No que tange ao apego ansioso, este pode funcionar enquanto catalisador da perpetração de violência, devido às táticas disfuncionais de regulação emocional e às necessidades exacerbadas de intimidade, as quais contribuem para a utilização de táticas coercitivas para manter a proximidade do parceiro, podendo escalonar até a violência psicológica e física (Allison et al., 2008; Mayseless, 1991; Spencer et al., 2021). Por

outro lado, o apego ansioso também pode aumentar os riscos de vitimização por violência, uma vez que seus traços incluem baixa autoestima, grande necessidade de aprovação externa e dependência emocional, contribuindo para que uma pessoa com essas características tenha dificuldade de romper relações, mesmo que violentas (Henderson et al., 2005).

Ao contrário do que era esperado a partir da literatura prévia, não houve correlação significativa entre evitação relacionada ao apego e violência. Conforme discutem Velotti et al. (2020), existem diferentes explicações para a ligação entre essas variáveis, tais como o uso da violência por indivíduos com apego evitativo como estratégia de afastamento do parceiro e tentativa de controle da raiva, sobretudo diante da falha de outras táticas de desengajamento na relação. Entretanto, destaca-se que a amostra desta pesquisa, nos Grupos 1 e 2, apresentou níveis de evitação baixos em comparação aos níveis da dimensão ansiedade, sendo possível que as características disfuncionais de pessoas com apego evitativo não sejam tão expressivas entre os participantes.

Comparação dos Grupos 1 e 2

Nesta seção, os dois grupos amostrais foram comparados utilizando o teste *U* de *Mann-Whitney*. Foram encontradas diferenças significativas quanto às dimensões do apego e à perpetração e vitimização por violência física. Quanto à perpetração e vitimização por violência psicológica, as amostras não foram significativamente diferentes.

Os participantes em cumprimento de determinação judicial por violência doméstica contra a mulher (Grupo 1) apresentaram pontuações maiores do que os participantes da população geral (Grupo 2) nas variáveis: dimensão ansiedade ($U=583,5$, $Z=-2,088$, $p<0,05$), dimensão evitação ($U=436$, $Z=-3,57$, $p<0,001$),

violência física perpetrada ($U= 369$, $Z= -4,312$, $p<0,001$) e violência física sofrida ($U= 482,5$, $Z= -3,111$, $p<0,01$).

Estes dados revelam que os participantes do Grupo 1 apresentaram maior insegurança do apego e maior ocorrência de violência física em seus relacionamentos, diferindo dos participantes do Grupo 2 de forma estatisticamente significativa ($p < 0,05$). Quanto à ocorrência de violência psicológica, apesar das distintas pontuações apresentadas pelos grupos 1 e 2, os participantes de cada grupo diferiram de forma não significativa tanto para violência psicológica perpetrada ($U = 763$, $Z= -0,357$, $p=0,721$) quanto para violência psicológica sofrida ($U = 727$, $Z= -0,704$, $p=0,482$).

Diferenças nas violências perpetradas e sofridas

É interessante observar que os Grupos 1 e 2 não diferiram significativamente quanto à violência psicológica, seja perpetrada ou sofrida. Esse achado pode ser um reflexo da maior tolerância social a essa prática, que por vezes sequer é percebida como agressão, apesar de estar tipificada no Código Penal (Lei nº 14.188, 2021). Dessa forma, mesmo sendo a forma de violência mais prevalente, a violência psicológica não é percebida com a mesma seriedade que aquela que gera marcas visíveis, o que reduz a probabilidade de denúncia (Machado et al., 2023). Entretanto, estudos mostram que a violência psicológica pode ser tão prejudicial à saúde mental quanto a violência física, estando associada à depressão, ansiedade e estresse pós-traumático (Pico-Alfonso et al., 2006), além de afetar a saúde física, por meio de dores crônicas e distúrbios alimentares (Mascarenhas et al., 2020).

Por outro lado, os resultados referentes à violência física ilustram que esta apresenta maior probabilidade de gerar consequências legais. Nesse sentido, era esperado que os participantes do Grupo 1 perpetrassem violência física contra as suas

parceiras ou ex-parceiras mais frequentemente do que aqueles do Grupo 2, o que foi confirmado. Entretanto, os homens cumprindo medidas judiciais por violência doméstica também relataram sofrer significativamente mais violência física no relacionamento do que os participantes do Grupo 2, indicando que os relacionamentos íntimos dos homens do Grupo 1 são mais violentos em ambas as direções.

Diferenças nas dimensões do apego

As diferenças entre os grupos são corroboradas por estudos anteriores (Pimentel & Santélices, 2017; Babcock et al., 2000). No estudo comparativo de Pimentel e Santelices (2017), 60% dos homens condenados por violência doméstica (grupo experimental) apresentaram apego inseguro, *versus* apenas 30% do grupo comparativo. De forma semelhante, na pesquisa de Babcock et al. (2000), 74% dos participantes agressores apresentaram apego inseguro, enquanto apenas 38,5% dos participantes não agressores foram classificados com apego inseguro.

Essas diferenças reforçam a existência de uma relação entre o fenômeno do apego e da violência por parceiro íntimo, indicando que homens com apego inseguro podem ter maior dificuldade para regular o afeto negativo e resolver conflitos de forma construtiva, o que contribui para a ocorrência de comportamentos agressivos quando seu sistema comportamental de apego é ativado. Entretanto, novas investigações são necessárias para melhor compreender quais variáveis podem agir como mediadoras ou moderadoras dessa relação.

Considerações Finais

Esta pesquisa teve como objetivos comparar e correlacionar as dimensões do apego e a ocorrência de violência física e psicológica por parceiro íntimo em homens

cumprindo determinação judicial por violência doméstica contra a mulher (Grupo 1) e homens da população geral (Grupo 2). Estes objetivos foram alcançados, produzindo resultados que corroboram parcialmente a literatura da área.

Primeiramente, foram obtidas correlações positivas e estatisticamente significativas, nos dois grupos investigados, entre violência física e violência psicológica, e entre violência perpetrada e violência sofrida. Esses dados reforçam os achados de pesquisas anteriores quanto ao entrelaçamento das violências física e psicológica em dinâmicas abusivas, nas quais a violência psicológica é subjacente a outras manifestações violentas, e, frequentemente, precede a agressão física no ciclo da violência, aumentando a tensão no relacionamento e minando a autoestima e saúde mental dos envolvidos.

Além disso, a correlação entre violência perpetrada e violência sofrida nas duas amostras ecoa as pesquisas que apontam para a predominância da bidirecionalidade na violência por parceiro íntimo, sendo caracterizada por situações nas quais ambos os parceiros se engajam ativamente nas agressões. A discussão acerca da violência bidirecional é complexa e merece particular atenção. A coparticipação de ambos os parceiros em atos violentos não significa horizontalidade na relação nem que ambos estão expostos aos mesmos riscos e danos, com as mulheres geralmente ocupando o lado mais prejudicado na equação em termos de lesões, medo e estresse pós-traumático.

Entretanto, reconhecer o potencial agressivo feminino é imprescindível para elaborar intervenções efetivas, ultrapassando a visão rígida de que mulheres ocupam exclusivamente o posto de vítimas, ou mesmo de que as vítimas adotam sempre uma postura passiva diante da violência sofrida, e os homens, o posto de autores de violência. Nesse sentido, propõe-se pensar nos conflitos entre parceiros a partir de uma perspectiva relacional e bidirecional, na qual a interação das características psicológicas

de ambos, bem como fatores culturais e sociais, exerce influência sobre o funcionamento do relacionamento.

No que tange à correlação entre apego e violência, os achados desta pesquisa foram inesperados ao não apresentar correlações significativas entre os construtos investigados no Grupo 1. Apesar da relação entre a violência por parceiro íntimo e as dimensões ansiedade e evitação do apego estar bem demarcada na literatura internacional, este não foi o caso dos autores de violência desta pesquisa, o que pode refletir questões de ordem metodológica, como particularidades da amostra e a presença de variáveis intervenientes, ou a existência de outros fatores por trás do fenômeno, não explorados nesta pesquisa.

Já no Grupo 2, composto por homens da população geral, foram encontradas correlações positivas e significativas entre a dimensão ansiedade e a violência física sofrida e perpetrada, e violência psicológica sofrida, corroborando o papel do apego ansioso, e suas estratégias associadas de regulação emocional e resolução de conflitos, nas tensões entre parceiros.

Quanto à comparação entre os dois grupos amostrais, estes foram significativamente diferentes em relação às dimensões do apego e à perpetração e vitimização por violência física no relacionamento. Conforme era esperado, os participantes em cumprimento de medidas judiciais por violência contra a mulher apresentaram pontuações maiores nas dimensões ansiedade e evitação, exibindo um apego mais inseguro do que os participantes do Grupo 2. Ademais, o Grupo 1 sinalizou perpetrar e sofrer violência física em maiores frequências do que seus controles, não havendo, entretanto, diferença significativa quanto à ocorrência de violência psicológica.

Esses resultados chamam a atenção para a invisibilidade social da violência psicológica, a qual esteve presente em um grupo de homens da população geral a níveis equiparáveis aos de homens envolvidos judicialmente em situações de violência doméstica, sem, entretanto, ser percebida com a mesma seriedade nem denunciada na mesma frequência que a violência física. Apesar do menosprezo à gravidade dessa forma de agressão, a violência psicológica pode oferecer variados danos à saúde mental e física da pessoa que a vivencia, sendo necessária a discussão e conscientização acerca dos seus males.

Os achados desta pesquisa contribuem para a expansão dos conhecimentos acerca das relações violentas entre parceiros, ao trazer um olhar para o homem autor de violência e as suas características psicológicas, abordando o seu relato não apenas acerca dos atos violentos perpetrados, mas também acerca dos atos sofridos dentro do relacionamento. Ademais, a pesquisa acrescenta à literatura sobre o Apego Adulto, aplicando este construto a uma população ainda pouco explorada, em meio a diversos estudos que privilegiam amostras de universitários. Nesse sentido, investigar homens de baixa escolaridade e baixa renda, usuários dos serviços públicos brasileiros, permite a elaboração de novos questionamentos e desafios.

Sob essa perspectiva, a inserção da autora nos grupos reflexivos do NUGEN, para a coleta de dados com o Grupo 1, suscitou uma série de inquietações. Durante as reuniões, nas quais os homens assistidos tinham a oportunidade de compartilhar suas experiências, a violência policial esteve marcadamente presente nos relatos. Ao discorrer sobre a denúncia de violência doméstica e o andamento do processo judicial, no qual alguns dos participantes passaram pelo sistema penitenciário, as falas dos assistidos revelaram inúmeras violações de direitos, desde tratamento degradante por parte dos agentes do Estado até agressões físicas nas unidades prisionais e coerção para

participar de atos criminosos. Esses relatos, vindos de homens que, em sua grande maioria, eram negros e apresentavam baixa condição socioeconômica, evidenciam a discriminação de classe, o racismo estrutural presente nas instituições e o caráter desumanizador do sistema carcerário brasileiro.

Em contrapartida a esse cenário de violações, destaca-se o ambiente de escuta, partilha e aprendizado dos grupos reflexivos. Ao discutir temáticas de importância individual e coletiva, como gênero, raiva, família, masculinidade e emoções, os grupos proporcionam um espaço propício para a reflexão, compartilhamento de ideias e desconstrução de crenças arraigadas, onde a responsabilização do autor de violência pelo seu ato não implica na sua desumanização. A eficácia desta abordagem tem se refletido na taxa de reincidência de violência doméstica entre os assistidos, de apenas 0,44%. Nesse sentido, evidencia-se a importância do investimento do Poder Público em políticas voltadas à educação e à ressocialização.

Apesar da relevância dos dados e provocações provenientes desta investigação, foram enfrentados diversos obstáculos, em partes justamente devidos às peculiaridades da amostra investigada. Uma das principais limitações do estudo foi o baixo número de participantes para uma pesquisa quantitativa, em virtude da especificidade dos critérios e da baixa adesão à pesquisa no Grupo 1, o que requereu o uso de testes não-paramétricos, comprometendo a generalização dos dados. Apesar dos esclarecimentos dos aspectos éticos de sigilo da informação e da não interferência da pesquisa sobre o processo judicial dos assistidos, foi perceptível entre muitos o receio e a desconfiança diante da possibilidade de prover informações íntimas.

Ademais, a baixa escolaridade dos participantes mostrou-se por vezes um entrave à compreensão dos instrumentos. Isso se fez particularmente evidente na escala de apego (ECR-R-Brasil), ao tratar de ideias e sentimentos abstratos e suscitar reflexões

que poderiam não ser corriqueiras no cotidiano dos respondentes. Aqui, além da questão da escolaridade formal, notou-se também um aspecto cultural de gênero: a falta de estímulo, na socialização masculina, para pensar e falar sobre os próprios sentimentos. Diante disso, muitas dúvidas surgiam no decorrer do preenchimento das escalas, as quais eram dirimidas pela autora por meio de exemplos e detalhamento das instruções.

Outra limitação foi investigar apenas os homens e as suas perspectivas sobre o relacionamento íntimo, em ambos os grupos. A ausência de informações acerca das parceiras dos participantes, tanto no que se refere aos seus traços de apego, quanto ao seu relato sobre as situações de violência no relacionamento, deixa uma lacuna. Nesse sentido, existem pesquisas que mostram que o apego de ambos os parceiros exerce influência um sobre o outro, podendo gerar relações complementares e agravar ou atenuar os conflitos dentro do relacionamento. Alguns estudos discorrem, por exemplo, sobre o potencial destrutivo da união entre uma pessoa com apego evitativo e um parceiro com apego ansioso, aspecto que precisa ser pesquisado.

Além disso, destaca-se uma limitação da escala de conflitos (CTS-2). Apesar de ser utilizada em numerosos estudos, este instrumento é alvo de críticas, sobretudo no que tange à falta de informações sobre o contexto dos atos de violência investigados. Ao registrar apenas a ocorrência e a frequência dos comportamentos, o instrumento não permite saber quando um ato se deu por autodefesa ou retaliação, limitando a interpretação dos dados obtidos. Isso é um problema sobretudo ao avaliar situações de violência bidirecional, pois não se sabe qual dos parceiros iniciou a agressão, qual o contexto da violência, ou se existe um deles que age predominantemente para se defender ou causar danos ao outro.

Diante do que foi discorrido acima, esta pesquisa faz alguns apontamentos e recomendações para investigações futuras. Para que haja uma apreensão mais

aprofundada do fenômeno da violência por parceiro íntimo, e de que forma ela se relaciona ao apego, é interessante investigar as duas partes do casal, analisando as possíveis interações entre os traços de apego de cada um. Dessa forma, também será possível ter acesso a informações mais fidedignas acerca da ocorrência de violência no relacionamento, considerando os relatos de ambos os envolvidos.

Outra recomendação nessa linha é o uso de métodos que permitam olhar para a situação de violência para além da frequência dos atos, levando em consideração o contexto dos eventos e as motivações dos participantes, de acordo com a perspectiva de cada um. Recomenda-se que pesquisas de cunho qualitativo ajudem a entender de maneira mais ampla os aspectos dos relacionamentos conjugais.

Além disso, é recomendável investigar a relação entre apego e violência considerando outras variáveis que podem mediar ou moderar tal relação, como traços de personalidade, presença de psicopatologias, estresse, habilidades sociais, empatia, distorção cognitiva, tendência à agressão, experiências adversas na infância e adolescência, entre outras. Espera-se que este trabalho se constitua em um subsídio à implementação de políticas públicas e à capacitação de profissionais que atuam na linha de frente da violência por parceiro íntimo, como psicólogos e assistentes sociais.

Acredita-se que esta pesquisa possa contribuir para a elaboração de estratégias de prevenção e intervenção a essa problemática, objetivando a proteção e acolhimento das vítimas, a conscientização e ressocialização dos autores, além do reconhecimento de dinâmicas mutuamente abusivas. No campo da prevenção, é necessário, conforme estabelece a Lei Maria da Penha (Lei nº 11.340), promover diálogos nas instituições de ensino acerca do tema da violência entre parceiros, gerando reflexões acerca da questão de gênero, além de investir na capacitação dos profissionais escolares para reconhecer e tomar as medidas cabíveis diante de situações de violência.

No que tange à intervenção, ressalta-se a necessidade de expandir o modelo dos grupos reflexivos e garantir o cumprimento da Lei nº 11.340 quanto ao acompanhamento psicossocial do autor de violência, visando a sua reeducação e reinserção na sociedade. É imprescindível encarar a complexidade deste fenômeno e ultrapassar o modelo punitivista que apresenta o encarceramento como única via de combate à violência, reconhecendo os sujeitos como produtos de sua história de vida e do meio social em que vivem.

Referências

- Ainsworth, M. D. S., Blehar, M. G., Waters, E., & Wall, S. (1978). Patterns of attachment: A psychological study of the strange situation. Hillsdale, NJ: Erlbaum.
- Ainsworth, M. S. (1989). Attachments beyond infancy. *American psychologist*, 44(4), 709-716. doi: 10.1037/0003-066X.44.4.709
- Allison, C. J., Bartholomew, K., Mayseless, O., & Dutton, D. G. (2008). Love as a battlefield: Attachment and relationship dynamics in couples identified for male partner violence. *Journal of family issues*, 29(1), 125-150. Doi: 10.1177/0192513X07306980
- Babcock, J. C., Jacobson, N. S., Gottman, J. M., & Yerington, T. P. (2000). Attachment, emotional regulation, and the function of marital violence: Differences between secure, preoccupied, and dismissing violent and nonviolent husbands. *Journal of family violence*, 15(4), 391-409. Doi: 10.1023/A:1007558330501
- Bartholomew, K. (1990). Avoidance of intimacy: An attachment perspective. *Journal of Social and Personal relationships*, 7(2), 147-178. doi: 10.1177/0265407590072001
- Bartholomew, K., & Horowitz, L. M. (1991). Attachment styles among young adults: a test of a four-category model. *Journal of personality and social psychology*, 61(2), 226. doi: 10.1037/0022-3514.61.2.226
- Bates, E. A. (2016). Current controversies within intimate partner violence: Overlooking bidirectional violence. *Journal of family violence*, 31, 937-940. Doi: 10.1007/s10896-016-9862-7
- Becker, A. P. S., & Crepaldi, M. A. (2019). O apego desenvolvido na infância e o relacionamento conjugal e parental: Uma revisão da literatura. *Estudos e Pesquisas em Psicologia*, 19(1), 238-260. doi: 10.12957/epp.2019.43016
- Bedair, K., Hamza, E. A., & Gladding, S. T. (2020). Attachment style, marital satisfaction, and mutual support attachment style in Qatar. *The Family Journal*, 28(3), 329-336. <https://doi.org/10.1177/1066480720934377>
- Bonache, H., Gonzalez-Mendez, R., & Krahé, B. (2019). Adult attachment styles, destructive conflict resolution, and the experience of intimate partner violence. *Journal of interpersonal violence*, 34(2), 287-309. Doi: 10.1177/0886260516640776

- Bowlby, J. (1973). Attachment and loss: Vol. 2. Separation: Anxiety and anger. New York: Basic Books.
- Bowlby, J. (1982b). Attachment and loss: Vol. 1. Attachment (2nd ed.). New York: Basic Books. (Obra original publicada em 1969).
- Bowlby, J. (2001). Formação e rompimento dos laços afetivos. (3ª ed.). São Paulo: Martins Fontes. (Obra original publicada em 1979).
- Brasil. (2006). Lei nº 11.340, de 7 de agosto de 2006. Recuperado de http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2006/lei/111340.htm.
- Brasil. (2016). Lei nº 13.104, de 9 de março de 2015. Recuperado de http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2015/lei/113104.htm.
- Brasil. (2021). Lei nº 14.188, de 28 de julho de 2021. Recuperado de http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2019-2022/2021/lei/L14188.htm.
- Consoli, N., Wagner Bernardes, J., & Marin, A.H. (2018). Laços de afeto: as repercussões do estilo de apego primário e estabelecido entre casais no ajustamento conjugal. *Avances em Psicología Latinoamericana*, 36(2), 315-329. Doi: 10.12804/revistas.urosario.edu.co/apl/a.5409
- Dancey, C. P., Reidy, J. (2019). *Estatística sem matemática para psicologia* (7ª ed.). Porto Alegre: Penso.
- Feeney, J. A. (2016). Adult romantic attachment: Developments in the study of couple relationships. In Cassidy, J., & Shaver, P.R. (Eds.), *Handbook of attachment: Theory, research and clinical applications* (3a ed., Cap. 21, pp. 435- 463). New York: The Guilford Press.
- Fernandez, B. P. M. (2019). Teto de vidro, piso pegajoso e desigualdade de gênero no mercado de trabalho brasileiro à luz da economia feminista: por que as iniquidades persistem?. *Cadernos de Campo: Revista de Ciências Sociais*, (26), 79-104.
- Flynn, A., & Graham, K. (2010). “Why did it happen?” A review and conceptual framework for research on perpetrators' and victims' explanations for intimate partner violence. *Aggression and Violent behavior*, 15(3), 239-251. Doi: [10.1016/j.avb.2010.01.002](https://doi.org/10.1016/j.avb.2010.01.002)

- Fórum Brasileiro de Segurança Pública (2023). Visível e invisível: a vitimização de mulheres no Brasil – Ed. 4. Disponível em: <https://forumseguranca.org.br/wp-content/uploads/2023/03/visiveleinvisivel-2023-relatorio.pdf>
- Fórum Brasileiro de Segurança Pública (2024). Feminicídios em 2023. Disponível em: <https://publicacoes.forumseguranca.org.br/items/77f6dcce-06b7-49c1-b227-fd625d979c85>
- Fowler, C., & Dillow, M. R. (2011). Attachment dimensions and the four horsemen of the apocalypse. *Communication Research Reports*, 28(1), 16-26. Doi: 10.1080/08824096.2010.518910
- Granqvist, P., Sroufe, L. A., Dozier, M., Hesse, E., Steele, M., van Ijzendoorn, M., ... & Duschinsky, R. (2017). Disorganized attachment in infancy: A review of the phenomenon and its implications for clinicians and policy-makers. *Attachment & human development*, 19(6), 534-558. Doi: 10.1080/14616734.2017.1354040
- Hacıaliefendioğlu, A., Yılmaz, S., Koyutürk, M., & Karakurt, G. (2020). Co-occurrence patterns of intimate partner violence. In *BIOCOMPUTING 2021: Proceedings of the Pacific Symposium* (pp. 79-90). Doi: [10.1142/9789811232701_0008](https://doi.org/10.1142/9789811232701_0008)
- Hamberger, L. K., & Larsen, S. E. (2015). Men's and women's experience of intimate partner violence: A review of ten years of comparative studies in clinical samples; Part I. *Journal of Family Violence*, 30, 699-717. Doi:10.1007/s10896-015-9732-8
- Hazan, C., & Shaver, P. (1987). Romantic love conceptualized as an attachment process. *Journal of personality and social psychology*, 52(3), 511. doi: 10.1037/0022-3514.52.3.511
- Henderson, A. J., Bartholomew, K., Trinke, S. J., & Kwong, M. J. (2005). When loving means hurting: An exploration of attachment and intimate abuse in a community sample. *Journal of family violence*, 20(4), 219. doi: 10.1177/1077801215610863
- Holmes, S. C., Johnson, N. L., Rojas-Ashe, E. E., Ceroni, T. L., Fedele, K. M., & Johnson, D. M. (2019). Prevalence and predictors of bidirectional violence in survivors of intimate partner violence residing at shelters. *Journal of Interpersonal Violence*, 34(16), 3492-3515. Doi: [10.1177/0886260516670183](https://doi.org/10.1177/0886260516670183)

- Li, T., & Chan, D. K. (2012). How anxious and avoidant attachment affect romantic relationship quality differently: A meta-analytic review. *European Journal of Social Psychology*, 42, 406–419. Doi: 10.1002/ejsp.1842
- Loubat, M., Ponce, P., & Salas, P. (2007). Estilo de Apego en Mujeres y su Relación con el Fenómeno del Maltrato Conyugal. *Terapia psicológica*, 25(2), 113-122. doi: 10.4067/S0718-48082007000200002
- Lyons-Ruth, K., Jacobvitz, D. (2016). Attachment disorganization from infancy to adulthood: Neurobiological correlates, parenting contexts, and pathways to disorder. In Cassidy, J., & Shaver, P.R. (Eds.), *Handbook of attachment: Theory, research and clinical applications* (3a ed., Cap. 29, pp. 667- 695). New York: The Guilford Press.
- Machado, A., Sousa, C., & Cunha, O. (2023). Bidirectional violence in intimate relationships: A systematic review. *Trauma, Violence, & Abuse*, 15248380231193440. Doi: [10.1177/15248380231193440](https://doi.org/10.1177/15248380231193440)
- Mascarenhas, M. D. M., Tomaz, G. R., Meneses, G. M. S. D., Rodrigues, M. T. P., Pereira, V. O. D. M., & Corassa, R. B. (2020). Análise das notificações de violência por parceiro íntimo contra mulheres, Brasil, 2011-2017. *Revista Brasileira de epidemiologia*, 23, e200007-SUPL. Doi: [10.1590/1980-549720200007.supl.1](https://doi.org/10.1590/1980-549720200007.supl.1)
- Mikulincer, M., & Shaver, P. (2016). Adult attachment and emotion regulation. In Cassidy, J., & Shaver, P.R. (Eds.), *Handbook of attachment: Theory, research and clinical applications* (3a ed., Cap. 24, pp. 507-533). New York: The Guilford Press.
- Miller, E., & McCaw, B. (2019). Intimate partner violence. *New England Journal of Medicine*, 380(9), 850-857. <https://www.nejm.org/doi/10.1056/NEJMra1807166>
- Ministério Público do Estado do Pará. (2021). Relatório de Estatísticas – Lei Maria da Penha. Belém: Promotoria de Justiça de Enfrentamento à Violência Doméstica e Familiar contra a Mulher. Disponível em: http://www.mppa.mp.br/data/files/12/F6/3C/63/5C8187101CEB8F77180808FF/MAPA%202020_Casos%20de%20Violencia%20Domestica_PJ%20da%20Mulher%20Belem.pdf
- Moraes, C. L., Hasselmann, M. H., & Reichenheim, M. E. (2002). Adaptação transcultural para o português do instrumento "Revised Conflict Tactics Scales (CTS2)" utilizado para identificar violência entre casais. *Cadernos de Saúde Pública*, 18(1), 163-176. doi: 10.1590/S0102-311X2002000100017

- Moura, J. Q., Bordini, T. C. M. P., Krindges, C. A., Kucera, M., & Habigzang, L. F. (2020). Homens autores de violência contra mulher: Um estudo descritivo. *Contextos Clínicos*. Doi: 10.4013/ctc.2020.131.09
- Natividade, J. C., & Shiramizu, V. K. M. (2015). Uma medida de apego: versão brasileira da Experiences in Close Relationship Scale-Reduzida (ECR-R-Brasil). *Psicologia USP*, 26(3), 484-494. doi: 10.1590/0103-656420140086
- Pico-Alfonso, M. A., Garcia-Linares, M. I., Celda-Navarro, N., Blasco-Ros, C., Echeburúa, E., & Martinez, M. (2006). The impact of physical, psychological, and sexual intimate male partner violence on women's mental health: depressive symptoms, posttraumatic stress disorder, state anxiety, and suicide. *Journal of women's health*, 15(5), 599-611. Doi: [10.1089/jwh.2006.15.599](https://doi.org/10.1089/jwh.2006.15.599)
- Pimentel, V., & Santelices, M. P. (2017). Apego adulto y mentalización en hombres que han ejercido violencia hacia su pareja. *Psykhé (Santiago)*, 26(2), 1-16. Doi: 10.7764/psykhe.26.2.915
- Pollard, D. L., & Cantos, A. L. (2021). Attachment, emotion dysregulation, and physical IPV in predominantly Hispanic, young adult couples. *International journal of environmental research and public health*, 18(14), 7241. Doi: 10.3390/ijerph18147241
- Ponti, L., & Tani, F. (2019). Attachment bonds as risk factors of intimate partner violence. *Journal of child and family studies*, 28(5), 1425-1432. <https://doi.org/10.1007/s10826-019-01361-4>
- de Queiroz, R. A., & Cunha, T. A. R. (2018). A violência psicológica sofrida pelas mulheres: invisibilidade e memória. *Revista Nupem*, 10(20), 86-95. Doi: [10.33871/nupem.v10i20.310](https://doi.org/10.33871/nupem.v10i20.310)
- Razera, J., Tomasi, L. M. B., Oliveira, E. L. D., Mosmann, C. P., & Falcke, D. (2022). Direcionalidade da violência em casais heterossexuais. *Psico-USF*, 27, 527-538.
- Reis, D. C. (2016). *Autores de agressão sexual de crianças e adolescentes: características biopsicossociais e trajetórias de vida* (Doctoral dissertation, Tese de Doutorado). Universidade Federal do Pará, Belém, PA, Brasil. Recuperado de <http://www.capes.gov.br/images/stories/download/pct/2017/Mencoes-Honrosas/PsicologiaDaniela-Castro-dos-Reis.PDF>

- Ridings, L. E., Beasley, L. O., Bohora, S., Espeleta, H. C., & Silovsky, J. F. (2021). The role of social support on depression among vulnerable caregivers reporting bidirectional physical violence. *Journal of interpersonal violence*, 36(5-6), NP2800-NP2822. [10.1177/0886260518767913](https://doi.org/10.1177/0886260518767913)
- Romero, H., & Placencia, M. (2015). El estilo de apego en la violencia contra la mujer, en la provincia de Santa Elena, Ecuador. *Revista Científica y Tecnológica UPSE*, 2(3). Doi: 10.26423/rctu.v2i3.60
- Sampaio, M. J., de Paula, M. F. P., & Miranda, A. R. A. (2016). Mulheres na política: um estudo na Câmara Municipal de uma cidade do sul de Minas Gerais. *Revista Eletrônica de Ciência Política*, 7(1).
- Sandberg, D. A., Valdez, C. E., Engle, J. L., & Menghrajani, E. (2019). Attachment anxiety as a risk factor for subsequent intimate partner violence victimization: A 6-month prospective study among college women. *Journal of interpersonal violence*, 34(7), 1410-1427. Doi: 10.1177/0886260516651314
- Sierau, S., & Herzberg, P. Y. (2012). Conflict resolution as a dyadic mediator: Considering the partner perspective on Conflict resolution. *European Journal of Personality*, 26(3), 221-232. Doi: 10.1002/per.828
- Sillito, C. (2012). Gendered physical & emotional health consequences of situational couple violence for heterosexual married & cohabiting couples. *Feminist Criminology*, 7(4) 255-281. Doi:10.1177/1557085111431695
- Silva, A. C. L. G. D., Coelho, E. B. S., & Moretti-Pires, R. O. (2014). O que se sabe sobre o homem autor de violência contra a parceira íntima: uma revisão sistemática. *Revista Panamericana de Salud Publica*, 35(4), 278-283.
- Silva, L. L. D., Coelho, E. B. S., & Caponi, S. N. C. D. (2007). Violência silenciosa: violência psicológica como condição da violência física doméstica. *Interface-Comunicação, Saúde, Educação*, 11, 93-103. Doi: [10.1590/S1414-32832007000100009](https://doi.org/10.1590/S1414-32832007000100009)
- Sommer, J., Babcock, J., & Sharp, C. (2017). A dyadic analysis of partner violence and adult attachment. *Journal of family violence*, 32, 279-290. Doi: 10.1007/s10896-016-9868-1
- Souza, M. V. A., Santos, D. L., Sabbag, D., Lemos, R. M. F., Sena, M. L., Jesus, R. (2013). A atuação extrajudicial e interdisciplinar no enfrentamento da violência doméstica e familiar: o homem em foco. Estado do Pará.

- Spencer, C. M., Keilholtz, B. M., & Stith, S. M. (2021). The association between attachment styles and physical intimate partner violence perpetration and victimization: A meta-analysis. *Family process*, 60(1), 270-284.
- Stevenson, J. C., Millings, A., & Emerson, L. M. (2019). Psychological well-being and coping: The predictive value of adult attachment, dispositional mindfulness, and emotion regulation. *Mindfulness*, 10(2), 256-271. Doi: 10.1007/s12671-018-0970-8
- Velotti, P., Rogier, G., Beomonte Zobel, S., Chirumbolo, A., & Zavattini, G. C. (2022). The relation of anxiety and avoidance dimensions of attachment to intimate partner violence: A meta-analysis about perpetrators. *Trauma, Violence, & Abuse*, 23(1), 196-212. Doi: 10.1177/1524838020933864
- Waiselfisz, J. J. (2015). Mapa da violência 2015: homicídio de mulheres no Brasil. Flacso Brasil. Disponível em: https://www.onumulheres.org.br/wpcontent/uploads/2016/04/MapaViolencia_2015_mulheres.pdf
- World Health Organization. (2002). World report on violence and health. Disponível em: https://apps.who.int/iris/bitstream/handle/10665/42495/9241545615_eng.pdf;jsessionid=651BF1A4468033AB09F02D54AF467795?sequence=1
- World Health Organization. (2012). Understanding and addressing violence against women: Overview. Author. <https://apps.who.int/iris/handle/10665/77433>
- Zeifman, D. M., & Hazan, C. (2016). Pair bonds as attachments: Mounting evidence in support of Bowlby's hypothesis. In Cassidy, J., & Shaver, P.R. (Eds.), *Handbook of attachment: Theory, research and clinical applications* (3a ed., Cap. 20, pp. 416- 434). New York: The Guilford Press.

Anexo A - Formulário de Caracterização Biopsicossocial de Autores de Violência Doméstica

1 – Dados Sociodemográficos

Data de Nascimento	____/____/____ S. I. ☐	Condição atual	1. Empregado 2. Desempregado 3. Aposentado S. I. ☐
Idade		Ocupação	S. I. ☐
Gênero		Renda mensal	1. Até 1 salário mínimo 2. Até 3 salários mínimos 3. Até 6 salários mínimos 4. Acima de 6 salários mínimos S. I. ☐
Orientação Sexual	1. Heterossexual 2. Homossexual 3. Bissexual 4. Outros: _____ S. I. ☐	Estado Civil	1. Casado 2. Separado 3. Divorciado 4. Solteiro 5. Viúvo S. I. ☐
Cor/Etnia	1. Amarela 2. Branca 3. Parda 4. Preta 5. Indígena S. I. ☐	Relação com a vítima no momento da violência	1. Casamento 2. União estável 3. Coabitação 4. Namoro 5. Ex-companheira 6. Outra: _____ S. I. ☐
Religião	S. I. ☐	Tempo de relacionamento com a vítima	S. I. ☐
Onde nasceu (cidade/estado)	S. I. ☐	Qual a relação atual com a vítima?	S. I. ☐
Onde reside atualmente (cidade/estado)	S. I. ☐	Possui filhos com a vítima?	1. Sim 2. Não Quantos? _____ Idade dos filhos: _____ S. I. ☐
Escolaridade	1. Nunca estudou 2. E.F.I 3. E.F.C 4. E.M.I 5. E.M.C 6. E.S.I 7. E.S.C S. I. ☐	Com quem mora atualmente?	S. I. ☐
Evasão escolar	1. Sim 2. Não Ano escolar da evasão: _____ Idade da evasão: _____ S. I. ☐	Saúde	1. Deficiência físico/motora 2. Deficiência auditiva 3. Deficiência visual 4. Deficiência intelectual 5. Transtorno mental. Qual? _____ 6. Outra condição médica grave. Qual? _____ S. I. ☐

2 – Dados Processuais

Local onde ocorreu a violência	S. I. ☐	Situação processual	S. I. ☐
Ano em que ocorreu a situação de violência	S. I. ☐	Processos e condenações anteriores	1. Nenhuma S. I. ☐ 2. Uma Quais? _____ 3. Duas Quais? _____ 4. Três Quais? _____ 5. Outras Quais? _____
Confessou	1. Sim 2. Não	S. I. ☐	Fatores de risco
			1. Maus-tratos na infância S. I. ☐ 2. Uso abusivo de álcool e outras drogas 3. Ciúmes elevados 4. Raiva elevada 5. Outros:
A natureza da violência	1. Violência física 2. Violência psicológica 3. Violência sexual	4. Violência moral 5. Violência patrimonial	S. I. ☐
		Experiências adversas na infância	1. Abuso físico S. I. ☐ 2. Abuso Emocional 3. Abuso Sexual 4. Consumo de álcool/drogas por familiares no lar 5. Encarceramento de membro da família 6. Familiar com doença mental/psicológica/comportamento suicida 7. Presenciar violência doméstica no lar
Motivação para o ato	S. I. ☐	Experiências adversas na infância	8. Um ou nenhum progenitor/divórcio/separação dos pais S. I. ☐ 9. Negligência Emocional 10. Negligência Física 11. Violência moral ou bullying 12. Violência comunitária (presenciar situações de violência na comunidade) 13. Violência coletiva (crime organizado, repressão, tortura)

2 – Dados da vítima

Idade da vítima	S. I. ☐	Ocupação	S. I. ☐
Cor/etnia	1. Preta 4. Amarela 2. Parda 5. Indígena 3. Branca	Escolaridade	1. Nunca estudou 5. E.M.C. 2. E.F.I. 6. E.S.I. 3. E.F.C. 7. E.S.C. 4. E.M.I.
Condição no momento da violência	1. Empregada 2. Desempregada	Religião	S. I. ☐

Anexo B - Versão-síntese da *Conflict Tactics Scales 2* em português

Às vezes, os conflitos vividos dentro de um relacionamento afetivo podem resultar em agressões físicas e psicológicas cometidas por um parceiro contra o outro. Essa é uma lista de coisas que podem acontecer quando vocês têm desentendimentos. Eu gostaria de saber se você já cometeu alguma (s) dessas ações contra sua atual parceira ou ex-parceira durante o último ano, e em que frequência isso ocorreu, ou se ela as cometeu contra você.

1= Uma vez no último ano

6= mais de 20 vezes no último ano

2= Duas vezes no último ano

7= nenhuma vez no último ano, mas já

3= 3 a 5 vezes no último ano

ocorreu antes

4= 6 a 10 vezes no último ano

0= isso nunca ocorreu

5= 11 a 20 vezes no último ano

1.	Você insultou ou xingou a sua parceira?
2.	Você jogou alguma coisa na sua parceira que poderia machucá-la?
3.	Você torceu o braço da sua parceira ou puxou o cabelo dela?
4.	Você deu um empurrão na sua parceira?
5.	Você usou uma faca ou arma contra a sua parceira?
6.	Você chamou a sua parceira de gorda, feia ou alguma coisa parecida?
7.	Você deu um murro ou acertou a sua parceira com alguma coisa que pudesse machucar?
8.	Você destruiu alguma coisa que pertencia à sua parceira de propósito?
9.	Você sufocou ou estrangulou sua parceira?
10.	Você gritou ou berrou com a sua parceira?
11.	Você jogou a sua parceira contra a parede com força?
12.	Você deu uma surra na sua parceira?
13.	Você segurou a sua parceira com força?
14.	Você virou as costas e foi embora no meio de uma discussão?
15.	Você deu um tabefe ou bofetada na sua parceira?
16.	Você queimou ou derramou líquido quente em sua parceira de propósito?

17.	Você acusou a sua parceira de ser “ruim de cama”?
18.	Você fez alguma coisa para ofender a sua parceira?
19.	Você ameaçou acertar ou jogar alguma coisa na sua parceira?
20.	Você chutou a sua parceira?
21.	Sua parceira o insultou ou xingou?
22.	Sua parceira jogou alguma coisa em você que poderia machucá-lo?
23.	Sua parceira torceu seu braço ou puxou seu cabelo?
24.	Sua parceira lhe deu um empurrão?
25.	Sua parceira usou uma faca ou arma contra você?
26.	Sua parceira o chamou de gordo, feio ou alguma coisa parecida?
27.	Sua parceira lhe deu um murro ou lhe acertou com alguma coisa que pudesse machucá-lo?
28.	Sua parceira destruiu alguma coisa que lhe pertencia de propósito?
29.	Sua parceira lhe sufocou ou estrangulou?
30.	Sua parceira gritou ou berrou com você?
31.	Sua parceira lhe jogou contra a parede com força?
32.	Sua parceira lhe deu uma surra?
33.	Sua parceira lhe segurou com força?
34.	Sua parceira virou as coisas e foi embora no meio de uma discussão?
35.	Sua parceira lhe deu um tabefe ou bofetada?
36.	Sua parceira lhe queimou ou derramou líquido quente em você de propósito?
37.	Sua parceira lhe acusou de ser "ruim de cama"?
38.	Sua parceira fez alguma coisa para lhe ofender?
39.	Sua parceira ameaçou acertar ou jogar alguma coisa em você?
40.	Sua parceira lhe chutou?

**Anexo C – Versão brasileira da *Experience in Close Relationships* – Reduzida
(ECR-R-Brasil)**

Por favor, ouça as afirmações abaixo e responda o quanto cada uma descreve as emoções e sentimentos que você geralmente tem em relacionamentos amorosos e/ou sexuais. Queremos saber como você se sente em relacionamentos amorosos e/ou sexuais de modo geral, não apenas no seu relacionamento atual. Responda o quanto você concorda com as frases a seguir, de 1 (discordo totalmente) a 7 (concordo totalmente). Observe que quanto mais próximo de 1 você responder, menos você concorda com a afirmação; e quanto mais próximo de 7 você responder, mais você concorda com a afirmação.

	<i>Discordo totalmente</i>			<i>Neutro</i>			<i>Concordo totalmente</i>
1. Ajuda muito poder contar com minha parceira em momentos de necessidade.	1	2	3	4	5	6	7
2. Eu preciso de muitas garantias de que sou amado por minha parceira.	1	2	3	4	5	6	7
3. Eu recorro à minha parceira para muitas coisas, incluindo para conforto e segurança emocional.	1	2	3	4	5	6	7
4. Frequentemente, eu acho que minha parceira não quer tanta proximidade afetiva quanto eu gostaria.	1	2	3	4	5	6	7
5. Geralmente, tento evitar muita proximidade afetiva com minha parceira.	1	2	3	4	5	6	7
6. Às vezes, meu desejo de ficar muito próximo afetivamente acaba assustando as pessoas.	1	2	3	4	5	6	7
7. Eu costumo conversar sobre os meus problemas e preocupações com minha parceira.	1	2	3	4	5	6	7
8. Eu fico frustrado se minha parceira não está disponível quando eu preciso dela.	1	2	3	4	5	6	7
9. Eu fico preocupado quando minha parceira fica muito próxima afetivamente de mim.	1	2	3	4	5	6	7
10. Preocupa-me que minha parceira não se importe comigo tanto quanto eu me importo com ela.	1	2	3	4	5	6	7